

FORMAÇÃO TEOLÓGICA - II

A DIVERSIDADE TEOLÓGICA DO ANGLICANISMO

Coletânea de textos

Organizador: Rev. Carlos Eduardo Calvani

IAET

Instituto Anglicano de Estudos Teológicos -
São Paulo, novembro de 2000

INTRODUÇÃO

“Não existe teologia anglicana”. Atualmente, entre os anglicanos, essa frase parece ser consensual. Isso, porém, não significa que o anglicanismo despreze a teologia ou que nenhuma contribuição relevante ao pensamento teológico se produza na Comunhão Anglicana. O presente volume da série “Formação Teológica” do IAET visa esclarecer em que sentido a frase acima é verdadeira e, ao mesmo tempo, mostrar que há, sim, muita teologia e de boa qualidade circulando na Tradição Anglicana.

Esperamos, com essa apostila, mostrar um pouco da diversidade de correntes teológicas dentro do anglicanismo. Tal diversidade não é de agora. Ao contrário, vem de muito tempo atrás, desde que a Igreja da Inglaterra separou-se da Igreja de Roma.

Os artigos que compõem essa apostila são de teólogos anglicanos brasileiros. Alguns deles foram transcritos de outras fontes e compilados na presente obra. Outros são inéditos.

A presente apostila servirá como guia de estudo introdutório à disciplina “Teologias anglicanas”, do IAET. Pode também ser utilizada em grupos de estudo nas Paróquias. Esperamos que a leitura desses textos proporcione uma visão mais ampla da diversidade teológica que se vive em nossa Comunhão.

Rev. Carlos Eduardo Calvani

Coordenador do IAET

ÍNDICE

1. O Liberalismo Anglicano - <i>Rev. Jaci Maraschin.....</i>	01
2. Personagens e problemas no nascimento da Comunhão Anglicana - <i>Revmo. Bispo Dom Sumio Takatsu.....</i>	03
3. Metodologia teológica anglicana - uma visão genérica - <i>Rev. Carlos Eduardo Calvani.....</i>	13
4. Terá Hooker alguma coisa a nos dizer ? <i>Rev. Jaci Maraschin.....</i>	24
5. História da Teologia na Comunhão Anglicana - <i>Revmo. Bispo Dom Sumio Takatsu.....</i>	39
6. Evangélico - uma maneira de ser anglicano - <i>Revmo. Bispo Dom Robinson Cavalcanti.....</i>	53
7. Anglicanismo: católico ou protestante ? <i>Revmo Bispo Dom Sebastião Gameleira.....</i>	56
8. Apreciação crítica dos movimentos evangélico, de Oxford e dos liberais na Igreja da Inglaterra - <i>Revmo. Bispo Dom Sumio Takatsu.....</i>	59
9. A opção liberal - <i>Rev. Carlos Eduardo Calvani.....</i>	83

O LIBERALISMO ANGLICANO

Uma das características fundamentais do cristianismo que se vive nas diferentes igrejas da Comunhão Anglicana é o liberalismo. Essa tem sido uma das suas feições mais permanentes através dos tempos e lugares. O liberalismo anglicano se expressa de diferentes maneiras e em muitos níveis. Convido os leitores a examinar algumas dessas formas de liberalismo e a sentir sua importância para nossa vida cristã.

1. A Comunhão Anglicana se caracteriza por um **liberalismo teológico** muito positivo. Esse fato se deve ao espírito que sempre regeu nossa história e nosso desenvolvimento doutrinário. Ao contrário de outras igrejas, não nascemos de uma querela doutrinária. Sempre entendemos que a doutrina da Igreja Anglicana era a doutrina da Igreja Católica e que, portanto, não estávamos obrigados a aceitar como infalíveis as manifestações particulares dessa herança milenar. Assim, nunca tivemos um teólogo oficial. Há anglicanos que acharam conveniente tomar como ponto de partida de seu pensamento a Suma Teológica de São Tomás de Aquino. Outros, em tempos mais recentes, optaram por Barth, por Tillich, por Hans Kung, e assim por diante. Naturalmente, um anglicano barthiano difere de um católico romano barthiano. Quando eu digo que há anglicanos que fazem teologia segundo o modelo de Karl Barth, o que estou dizendo é que sua teologia anglicana se vale do método, das intuições, das descobertas de Barth. Não se trata de uma cópia. Assim também hoje em dia, há anglicanos que optam pela Teologia da Libertação. Mas optam por essa maneira de fazer teologia, dentro da tradição anglicana. Essa é uma das nossas conquistas mais importantes.

2. A Comunhão Anglicana se caracteriza por um **liberalismo ético** muito positivo. Não temos tido um sistema de negações. Não precisamos ficar com medo de uma lista de coisas proibidas que nossas autoridades eclesiais, porventura, desejassem estabelecer. Não há essa lista. Muita gente fica com medo dessa liberdade e fica desejando que alguém se constitua em legislador para os seus hábitos e costumes. Ao contrário disso, estimulamos o desenvolvimento da consciência de cada um diante de Deus e da comunidade, deixando bem claro que, muito embora todas as coisas nos sejam lícitas, nem todas nos convêm. Ninguém se surpreenda, pois, se encontrar gente fumando na saída dos nossos templos, ou pessoas tomando uma cervejinha numa festa paroquial. Nem se encontrar anglicanos dançando numa festa. São coisas naturais entre nós. É certo que há também anglicanos que não gostam de se divertir dessa maneira. Trata-se de um assunto pessoal. Os que não gostam de se divertir assim não têm autoridade para proibir os outros de agir desse modo. Precisam, isso sim, aprender a conviver com gente diferente. Nós entendemos que é aí que surgem as ocasiões para o amor. A gente precisa aprender a amar os que fazem coisas diferentes de nós e interpretam a vida cristã de modo também diferente. O liberalismo ético anglicano se mostra também na maneira aberta como as diferentes igrejas nacionais têm tratado questões difíceis como o aborto, a eutanásia, a sexualidade, a justiça social, o controle da natalidade e o suicídio. Os menos liberais entre nós devem sempre se dar conta de que não temos um *Index*.

3. A Comunhão Anglicana se caracteriza por um **liberalismo bíblico** muito positivo. Não temos um tribunal que determina de maneira autoritária como se deve interpretar a Bíblia. A interpretação das Sagradas Escrituras resulta do trabalho de especialistas que se dedicam ao estudo da Palavra de Deus e oferecem às congregações os resultados de seus trabalhos. É por isso que temos tanta diversidade de expressão congregacional e de vida cristã. Os anglicanos, por outro lado, sempre demonstraram grande amor pela Bíblia e a colocaram sempre na base de todas as suas preocupações. Antes de qualquer outra coisa, a Comunhão Anglicana é bíblica no sentido em que busca no Livro Sagrado a inspiração, a fonte, o método e o significado de tudo o que faz. Mas essa busca e essa fundamentação não é dogmática. É liberal.

2

4. A Comunhão Anglicana se caracteriza por um **liberalismo litúrgico** muito positivo. Talvez alguns menos avisados pensem que o *Livro de Oração Comum*, nosso devocionário oficial, faz parte da revelação divina e que deveria ser a terceira parte da Bíblia. Mas nossa história e nossa experiência universal e católica mostram que isso nunca aconteceu e que, se continuarmos fiéis ao nosso espírito anglicano, nunca acontecerá. O *Livro de Oração Comum* é o padrão de nosso culto. Mas ele deixa aberta toda uma série de possibilidades para que a liturgia seja viva e vibrante. Infelizmente há anglicanos fundamentalistas que também são fundamentalistas em liturgia. Não se dão conta de que a

* O autor é sacerdote da IEAB, Doutor em Ciências da Religião, Professor do IAET e da Universidade Metodista de São Paulo.

liturgia é uma atividade viva, histórica, expressiva dos anseios e da adoração do povo de Deus. Assim, os visitantes que percorrem diferentes paróquias ao redor do mundo vão logo perceber que esse mesmo culto, fundamentado no Livro de Oração Comum, manifesta-se nas mais variadas maneiras nos mais diversos lugares. Será informal e sem vestes litúrgicas numa determinada capela, espontâneo e cheio de orações do povo, numa outra; já solene e sóbrio numa igreja, muito colorido e cheio de símbolos tradicionais numa outra. O importante é que os anglicanos fazem da oração de Deus a sua atividade principal onde quer que se encontrem. E isso é muito positivo.

5. A Comunhão Anglicana se caracteriza por um liberalismo autoritário muito positivo. O conceito de autoridade entre nós é difuso. Vejam bem, difuso e não confuso. A autoridade está na Igreja reunida e não em indivíduos. Os bispos exercem uma autoridade limitada. Não podem contrariar as decisões dos concílios. O mesmo acontece com os primazes. Não podem contrariar as decisões sinodais. Assim também com os clérigos. Não há entre nós o conceito católico romano da infalibilidade. Graças a Deus. E isso é muito positivo. A autoridade é um dom de Deus para a igreja toda e não apenas para alguns indivíduos.

5. Porque a Comunhão Anglicana é assim liberal, há também dentro da Comunhão Anglicana os que não gostariam de ser liberais e que sofrem com isso. Ficam se queixando desse liberalismo e gostariam de uma igreja um pouco mais obscurantista, um pouco mais legalista, um pouco mais autoritária, um pouco mais severa. É um direito que lhes cabe. Entretanto, não há em nossa tradição possibilidade alguma para que venhamos a abandonar aquilo que é a nossa maior glória e graça. A presença de tendências conservadoras e autoritárias em nosso meio nada mais faz do que confirmar o que estou dizendo. Somos uma igreja liberal e tolerante. Somos até mesmo capazes de tolerar os que se colocam do outro lado dessa realidade. E assim, o Senhor Deus nos abençoa.

PERSONAGENS E PROBLEMAS NO NASCIMENTO DA COMUNHÃO ANGLICANA

Dom Sumio Takatsu *

* O autor é bispo aposentado da IEAB. Foi bispo diocesano da Diocese Anglicana de São Paulo. Atualmente é professor do IAET e assessor teológico do CEA.

Nosso propósito é apresentar uma ligeira avaliação das teologias desenvolvidas na Comunhão Anglicana. Para se delimitar melhor o escopo, nosso objetivo é perguntar pelas influências teológicas que contribuíram para a definição de um método anglicano de discutir teologia e que se expressa nos documentos das Conferências de Lambeth, do Conselho Consultivo Anglicano desde a sua criação no início da década de 70 e em algumas pessoas que contribuíram de modo importante na formulação desses documentos.

Algumas perguntas relacionadas com esta proposta.

Na proposta deste ensaio coincidem a Comunhão Anglicana e o surgimento das Conferências de Lambeth? Se esse for o caso, a Comunhão Anglicana não existiu antes do surgimento das Conferências de Lambeth?

A Igreja da Inglaterra, a mais antiga dentre as Igrejas da Comunhão Anglicana existiu desde os primeiros séculos da história cristã e acredita estar em continuidade com aquela Igreja e ter incorporado os princípios da Reforma do século XVI. E antes do século XVIII, já existiam outras Igrejas de nossa Comunhão em outras Ilhas Britânicas, além da Inglaterra. Também já estavam organizadas as Igrejas que surgiram ou pelas missões ou pelas migrações, a partir das Ilhas Britânicas, em outros continentes como na América, na Oceania, na África e no Oriente.

Não havia ainda uma organização formal entre as Igrejas, que surgiram das Ilhas Britânicas, mas tudo indica que a troca de experiências era frutífera, principalmente na área da organização sinodal da Igreja, que inclui o laicato. Esta experiência teve o seu começo na Igreja nos Estados Unidos e passou para a Igreja no Canadá e para a Igreja na Nova Zelândia e, por fim, começou a influir na Igreja da Inglaterra. Havia, outrora, a *Convocação* e ela remonta ao tempo anterior à Reforma. Tudo indica que, com duas câmaras, e sem a participação do laicato, havia impasses e frustrações, e a participação leiga só começou na década de 70. É uma parte da história da Igreja que merece maior atenção. A participação leiga no Sínodo foi uma nova experiência anglicana, que surgiu num novo contexto histórico e cultural.

Nesse contexto de colonização dos países da África e da América Latina por parte dos países europeus e britânicos e da América do Norte, e de missões cristãs toma-se a consciência da Comunhão Anglicana e se organiza a 1ª Conferência dos Bispos das Igrejas da Comunhão Anglicana.

No interior da Comunhão Anglicana há, pelo menos, três movimentos que influíram direta ou indiretamente nas Igrejas que vieram expressar como a Comunhão Anglicana, aos quais devemos fazer breves referências:

- 1) Evangélico,
- 2) católico
- 3) liberal.

4

Esses movimentos estavam intimamente relacionados com a vida nacional da Inglaterra, com as crises políticas, as mudanças sociais, econômicas e culturais que estavam ocorrendo na Europa em geral. Tinham a ver com os temores da descristianização ou a secularização em processo. Em outras palavras, esses movimentos religiosos ou eclesiais tinham facetas políticas, culturais, sociais e econômicas.

O **puritanismo**, a raiz do movimento evangélico, na Inglaterra, foi uma tentativa de influenciar no interior do Estabelecimento para utilizá-lo com a finalidade de promover o seu ideal sócio-religioso. Em 1642 o movimento puritano majoritário no parlamento liderado por Oliver Cromwell destronou o rei Carlos I. Essa foi uma ação claramente política.

Hoje, o puritanismo é conhecido como ideal de pureza moral, um tipo rigoroso de espiritualidade, que nega a mundanidade dos cristãos. Na época adquiriu uma conotação político-religiosa. No tempo da Elizabeth I, os puritanos ficaram decepcionados com a posição "via média" do anglicanismo. Para eles, a Inglaterra e a Igreja deveriam ser reformadas radicalmente, de acordo com a visão puritana. Havia ainda muito "romanismo", diziam eles. Richard Hooker (1554-1600) foi um dos

arquitetos da via-média entre Roma e Genebra e também do trinômio “Bíblia, Tradição e Razão” com sua obra *Política Eclesiástica ou Leis Eclesiásticas* (1593-1597).

O movimento puritano estava associado com a ascensão de uma nova classe social. A nova classe estava entrando nas universidades e no Parlamento. Assim, o movimento puritano, por meio da classe em ascensão, penetrou nas universidades e também tomou conta do Parlamento.

Tiago I (ou Jaime I) e Movimento Puritano

Com a morte da Elizabeth I (1603), Jaime I, filho da rainha Maria dos escoceses e que havia sido coroado, quando criança, como Jaime VI da Escócia, foi convidado a unir as duas coroas. Diz Moorman que Jaime I, que não sabia ser outra coisa senão rei, achou excelente a idéia. Trabalhou com a doutrina vigente na época, o “Direito divino dos Reis”, isto é, o monarca só presta contas a Deus e ninguém mais. Aliás, Carlos II, apreciou essa doutrina, e a declarou nos termos acima, na sua coroação. Para os súditos, essa doutrina implica na obediência passiva, isto é, sem resistência.

O monarca procurou fortalecer a sua posição com a Igreja, especialmente o alto clero. Havia muitos bispos na Câmara Alta. Também havia, na Câmara dos Comuns, padres e bispos. O monarca tinha a percepção de que o *Livro de Oração Comum* seria uma espécie de estandarte para conseguir o apoio da Igreja contra o movimento centrado em torno do Parlamento, pois, com a exceção dos católicos romanos e puritanos, o *Livro de Oração Comum* era aceito como um instrumento formador da eclesialidade e cidadania da comunidade inglesa. Com isso o que se quer dizer é que as “divisões” e os possíveis reagrupamentos do povo, das instituições e movimentos envolviam vários fatores, que não se limitavam só às doutrinas ou só aos aspectos sócio-econômicos.

Embora filho de católica romana, o rei Jaime não se mostrou simpatizante aberto de Roma. Mostrou-se tolerante para com os “papistas” como diziam na época. Do lado oposto houve a suspeita de que o rei estivesse favorecendo os católicos romanos na nomeação para as cadeiras nas Universidades de Oxford e Cambridge. Isso, é claro, exacerbou a oposição. Também houve um grupo de fanáticos católicos-romanos que planejou destruir a alta liderança, inclusive o rei com um atentado. Isso levou o monarca a agir contra os católicos-romanos. Também, nessa época o poeta John Donne (“Homem algum é uma Ilha”), que nasceu católico romano veio a ser ordenado Presbítero da Igreja da Inglaterra.

Ocorreu também, decepção por parte dos puritanos. Pois como o rei vinha da Escócia, os puritanos achavam que o monarca poderia retirar do *Livro de Oração Comum* o que, na visão deles, seria “papismo”. A objeção exposta na *Petição dos Mil* (clérigos) apresentada ao rei consta do sinal da Cruz no Batismo, do uso da sobrepeliz, da vênua quando se pronuncia o nome de Jesus e da leitura dos Apócrifos. Essa petição terminou em frustração porque o rei enviou a Petição a uma conferência, em

5

que ele mesmo tomou parte e houve mais acréscimos no *Livro de Oração Comum* que desagradaram os peticionários. Entre os decepcionados estavam os peregrinos que desembarcaram nas praias de Massachussets em 11 de novembro de 1620. Diga-se de passagem que, na América, nasceu e cresceu a Igreja Episcopal, que adotou, posteriormente, sistema sinodal de governo da Igreja, na Convenção Geral de Filadélfia, em 27 de setembro de 1785 e teve papel preponderante na formação desse estilo eclesial em outras Igrejas da Comunhão Anglicana.

É nesse contexto britânico que se forja a **via média anglicana** - católica e reformada ou reformada-católica. Contribuíram para isso Richard Hooker, Richard Bancroft (bispo de Londres e, posteriormente, arcebispo de Cantuária, responsável pela tradução da versão do Rei Tiago ou *King James' Version*), Lancelot Andrewes, Jeremy Taylor, John Cosin, George Hebert, Thomas Ken e outros.

A construção da via-média não se deu harmoniosamente, mas através de avanços e retrocessos, num mar meio tempestuoso. E continua sendo um processo não tão fácil, mas promissor para os que nele estão envolvidos.

O sucessor do rei Tiago I, Carlos I agravou o seu relacionamento com o Parlamento e com o baixo clero, exagerando a doutrina do Direito divino dos Reis. O resultado disso foi seu destronamento. Com isso o Parlamento teve poder e o anglicanismo foi substituído pelo presbiterianismo. Se o monarca foi despótico, o parlamento não deixou de ser despótico. Sob o poder de Oliver Cromwell houve tolerância para as congregações determinarem sua forma de liturgia, contanto que essa liberdade não fosse estendida aos bispos, nem ao catolicismo romano nem ao

anglicanismo. Nesse período o *Livro de Oração Comum* sobreviveu nas capelanias das famílias que desejavam a preservação do cristianismo expresso no *Livro de Oração Comum*, no exílio e na corte de Carlos II no exterior. O Parlamento trouxe de volta o rei Carlos II em 1660 e com isso houve a restauração do anglicanismo.

Se o Arcebispo de Cantuária, Thomas Cranmer e outros, foram martirizados no período da rainha Maria, com o retorno do poder papal, um outro Arcebispo de Cantuária, William Laud foi martirizado no período calvinista. Há esses fatos nacionais da Inglaterra. E a Igreja da Inglaterra teve papel preponderante nesses acontecimentos por ser a Igreja da maioria e intimamente relacionada com a vida nacional.

Tiago II (Jaime II) havia tomado medidas que favorecessem o comércio e as imigrações e, ao mesmo tempo, suspendessem as penalidades contra os não-conformistas. E isso viria enfraquecer as medidas legislativas tomadas no reinado anterior. O Arcebispo e seis outros bispos solicitaram a revogação da medida (*Declaração de Indulgência*, 1687). Não sendo atendidos, foram confinados em uma torre. Com o nascimento do futuro rei, na véspera do julgamento dos bispos, houve um movimento para convidar William de Orange, holandês casado com Mary, filha do Tiago com a rainha anterior. Sendo William um calvinista, e Mary, uma anglicana devota, isso pareceu bem à maioria da Igreja e da sociedade.

Porém, o fato de Tiago não ter abdicado ao trono criou problemas para quem se firmava naquela doutrina do Direito Divino dos Reis e conseqüente obediência passiva dos súditos. Assim, os quatrocentos clérigos e seis bispos, inclusive o Arcebispo de Cantuária se constituíram em "Non-Jurors". Em 1689 (01/08) eles foram suspensos. Era para eles uma questão de consciência. Esse acontecimento suscitou algumas questões como: com que autoridade se depõem os bispos? quem vai nomear novos bispos? Por isso, houve um período de vacância. Com o preenchimento das vacâncias surgiu o grupo de Non-Jurors. Houve um certo tipo de cisma.

Nesse período surgiram obras de um anglicano, Herbert Croft - "*A verdade nua*", "*O verdadeiro estado da Igreja Primitiva*", (1675) de um quaker, William Penn, "*O Grande caso da liberdade da consciência*" (1671) e de um filósofo, John Locke, "*Cartas de Tolerância*" (1689-92).

Já no período da Revolução e da Restauração a questão da tolerância estava no ar. E o Parlamento passou um Ato da Tolerância, porém muito limitada. Contudo foi início da tolerância para com a minoria religiosa.

6

No período de William III e Ana (1702), a vida religiosa na Inglaterra era melhor do que a histórica eclesiástica. A partir de 1678 as associações religiosas de jovens vieram a ter a admiração dos mais idosos pela sua piedade e espiritualidade. Em Londres havia sociedades religiosas com os ministros ordenados da Igreja que se comprometiam com a comunhão semanal ou mensal. Samuel Wesley, pai de João e Carlos, era um dos que apoiavam essas associações.

Nesse período foram fundadas a SPCK (1698) e SPG (1701), as sociedades missionárias mais antigas da Igreja da Inglaterra. Posteriormente SPG fundiu-se com uma outra sociedade missionária e veio a ser USP. Nessa época houve, também, o surgimento do espírito humanitário, movimento de edificação moral.

Na política, os *Tories* tinham influência e tinham de fazer aliança com o segmento ou partido *High Church* na Igreja. Na Inglaterra sempre houve alternância entre Tory e Whig, sendo o primeiro defensor das prerrogativas extremas da coroa (atualmente o Partido Conservador, e o segundo, partido progressista ou liberal, tradicionalmente defensor dos dissidentes e da livre imprensa.

Ao contrário do que se pensa, os movimentos *High Church* e *Low Church* não estão necessariamente vinculados às políticas Tory e Whig ou à classe social. O que diferencia *High Church* e *Low Church* são questões mais doutrinárias, particularmente eclesiológicas. Nesse período, entre os da *High Church* havia figuras influentes que eram Tory. E, noutros tempos, houve anglo-católicos Whig. É bom observar que com esses "partidos" houve alternância em meio aos conflitos e houve quem procurasse o caminho da tolerância. Na área eclesial, esses são os católicos liberais e os evangélicos liberais. Esses são considerados tradicionalmente de *Broad Church*. No trinômio Escrituras, Tradição e Razão (fatores culturais) e experiência, já não mais trinômio, esses dão devida e até exagerada importância, em alguns casos, à dimensão da razão, às ciências e à experiência. Atualmente, o atual arcebispo de York representa o liberal com certa inclinação evangélica. Porém, é alvo de críticas tanto da parte dos evangélicos quanto da linha anglo-católica.

Cada posição tem sua contribuição e apresenta seus problemas. O encontro dessas posições não era, na época muito harmonioso. Por exemplo, o Bispo Hoadly expunha a visão do Reino de Deus de tal maneira que, aos olhos do movimento *High Church*, enfraquecia a doutrina da Igreja visível continuadora e extensão da encarnação. Isso veio a ser objeto de calorosos debates na Convocação e chegou até suspender a sessão por muitos anos ¹. Tudo parece indicar que uma figura como Hoadly veio a ser uma ponte entre Whig e a Igreja. Aqui é interessante ver a observação de Moorman sobre a impressão que Guilherme de Orange, vindo da Holanda e de família calvinista, teve da Igreja da Inglaterra. Para ele a Igreja tinha feições católicas, mas também tinha o lado calvinista. E ele ficava confuso. Diante dessa observação a reação anglicana em nossos dias é diversa: uns gostam e dão risada, e outros ficam bravos.

O período em apreço foi aparentemente pacífico. A nova classe burguesa estava em ascensão. Em certos setores havia sinais de abundância. Isso refletia também na Igreja, em nível paroquial e diocesano. Bispo Moorman traz no seu livro referências a seis mil paróquias com menos de 50 libras anuais para pagar o seu clero. Por outro lado, havia dioceses com cinco mil libras. Uns tinham de se desdobrar em mais de um trabalho para poder viver; outros tinham tempo demais. Havia bispos e clérigos que, por funções políticas, viviam em Londres uns oito meses por ano. Então, pode-se ver o problema pastoral que a Igreja enfrentava. Também a disparidade nos recursos levava o clero e os bispos a ficar de olho nas vacâncias das dioceses e paróquias com melhores recursos. No entanto, houve clérigos abnegados nas zonas rurais que muito contribuíram para a vida da Igreja.

Então, o consumismo em determinada camada social, a conseqüente mundanidade e frivolidade, a insatisfação dentro da Igreja por todos esse estado eclesial acima descrito, o barulho da Revolução Francesa e depois Americana propiciaram a crítica à teologia e pastoral da *Broad Church*. Como foi dito anteriormente, surgiram nessa época as associações religiosas e elas facilitaram o movimento evangélico anglicano inspirado pelos Wesleys.

7

Movimentos dos evangélicos e tratarianos (1767ss) Século XVII

O movimento evangélico encetado pelos irmãos Wesleys é eucarístico ². Em contraste com a maioria da Igreja da Inglaterra eles queriam a celebração dominical da Eucaristia e queriam ter muito mais clérigos para tanto. Carlos e João escreveram vários hinos eucarísticos.

O movimento evangélico anglicano influenciado pelos Wesleys foi mais um protesto contra: (a) frivolidade e dissipação, esbanjamento, consumismo da sociedade do século XVII. (b) contra o mudanismo aberto da Igreja e a pobreza teológica. Eram puritanos, calvinistas. Interessados mais na conversão pessoal.

A ênfase dada pelos que foram "acordados" pelo Evangelho foi a conversão pessoal, a supremacia das Escrituras, a doutrina da justificação pela fé, a centralidade da expiação e santificação do Espírito Santo. Embora influenciado pelos calvinistas recusaram aceitar a predestinação e afirmaram a morte de Cristo em favor de todos. E, ao invés de recorrer aos escritos teológicos de Calvino, apoiaram-se nos formulários anglicanos. Dos wesleyanos, os anglicanos evangélicos se diferiram na doutrina da perfeição cristã e da certeza da salvação, considerando-as subjetivas. Por que? A busca da perfeição cristã está em todos os tipos de cristianismo. O LOC expressa o ensino bíblico em termos de amor perfeito para com Deus, "que amemos perfeitamente e dignamente engrandecemos o teu santo Nome". Esse é o alvo da vida cristã. Paulo, em 1Co 13, fala na perfeição do amor, embora imperfeito agora. Esse é o caminho e o alvo da vida cristã. Na história cristã houve sempre misticismos que ressaltavam o progresso da alma na união com Deus. William Law, por exemplo, escreveu *Perfeição Cristã*, (1726) e *Chamada séria para a vida devota e santa*. Nessas obras William Law tratou da prática da vida cristã como a imitação de Cristo na vida diária. As características dessa vida são a humildade, abnegação, pobreza de espírito e afeição celestial. No que os evangélicos se diferiam dos Wesleyanos? Eles viram em Wesley que o Espírito Santo pode fazer adoação do dom da perfeição e o cristão maduro poderá entrar instantaneamente na perfeição como salvação. Isso foi considerado subjetivismo por muitos.

¹ MOORMAN, J.R.H. *A History of the Church of England*, Londres: Adam and Charles Black, 1954, p. 276.

²CROCKETT, in *The Study of Anglicanism* (Ed. by SYKES and BOOTY). London, SPCK, 1988, p. 277.

Outro ponto de divergência foi a questão da conversão instantânea. No que se referia ao aspecto institucional também havia divergências. Embora houvesse inicialmente pregadores itinerantes, os anglicanos mantinham o sistema paroquial. Chegaram à conclusão de que para se ter seu lugar na Igreja da Inglaterra era preciso formar-se na ordem eclesial existente.

Os evangélicos fundaram a Sociedade Missionária da Igreja em 1799. A ela está associado o nome de C. Simeon, figura influente no King's College, em Cambridge. Vários nomes de vulto aparecem nesse movimento, entre os quais William Wilberforce, que batalhou muito pela abolição do comércio de escravos no império britânico.

Os leigos e as mulheres também tiveram papel importante. Entre as mulheres, destacou-se a condessa Selina Huntingdom (1709-91). Sabedora de que o movimento estava avançando entre os pobres, ela procurou estender o movimento entre gente de sua classe. Para tanto dispendeu muito tempo e dinheiro. Fundou um Seminário em Gales. Seu grande defeito, porém, era presidir em todos os lugares onde havia sua influência com a autoridade de um papa. A ela está associado o nome de Hannah More,

O movimento evangélico teve muito zelo missionário e dedicou-se à filantropia entre os pobres. Os indivíduos eram importantes. Como foi dito anteriormente, eles eram zelosos na questão da salvação pessoal. No entanto, eram fracos no que se refere à dimensão comunitária da Igreja e à vida sacramental. Não tinham muita propensão para pensar a relação entre a Igreja e a Sociedade, a Igreja e o Estado.

Os evangélicos deram-se muito às orações e auto-exame à luz da Cruz e do Juízo Final. Essa piedade incluía as leituras bíblicas nas famílias com os empregados. Conforme Hannah More, literata e

8

versada em teatro, a piedade é o melhor princípio da conduta moral. Porém, para ela o cristianismo não era uma série de regras para a conduta. O Evangelho é anterior a uma boa conduta. E o todo da religião não se esgota na moralidade.

Os evangélicos não contribuíram diretamente para reformas estruturais da sociedade. No caso da abolição do comércio foram instrumentos para tanto. A preocupação deles era mais pelas almas dos escravos que deveriam ser salvos. Consta que a maior contribuição da Hannah More foi o seu escrito que mostrou aos pobres que os ricos não eram inocentes. Também, ao se dedicarem à educação dos pobres, eles contribuíram, para mais tarde, articular a língua e o conhecimento para o protesto contra a desigualdade e injustiça. Indiretamente, o ensino da santidade de todas as almas levou os pobres a lutar pela igualdade.

Muitos evangélicos eram defensores do *Livro de Oração Comum*. Charles Simeon, por exemplo, dizia que a espiritualidade do *Livro de Oração Comum* é elevar a mente ao Santo Lugar e construir a nossa vida em Cristo. Embora não considerasse o *Livro de Oração Comum* perfeito, o grave defeito que ele percebia nos corações dos que resistiam ao LOC era a resistência ao poder da liturgia. O LOC trazia para ele o desafio aos evangélicos anglicanos que buscavam a sua salvação pessoal. Sem esse desafio a procura da salvação torna-se uma procura egoísta.

A despeito da pregação e do zelo missionário e com alguns resultados, os vícios antigos permaneciam. A questão da desigualdade que remonta ao tempo do feudalismo ainda continuava. E muito das reformas exigiam ações políticas. E a Igreja com sua "aliança" com o Estado a deixava inerte. Então, essa aliança veio a ser objeto de insatisfação. O palácio episcopal de Bristol e Exeter foram incendiados em protesto.

Nessa situação os **liberais** prepararam a reforma de 1832. Como parte da medida foram reorganizadas as dioceses e catedrais e a disparidade foi reduzida. Com isso a Igreja se manteve como a Igreja oficial da Inglaterra. Era preciso que a Igreja fosse sacudida e passasse por uma renovação. Alec Vidler considera que, por volta, de 1830, a Igreja da Inglaterra recebeu um novo alento³.

Nesta questão da "aliança" é que começou a reflexão sobre a natureza da Igreja. É claro que esse movimento partiu de uma diferente questão e diferentes pressupostos. Conforme Moormann, a crítica se dirigia aos estadistas cristãos que eram levados pela opinião pública a tomar decisões sobre a Igreja como se essa fosse uma instituição nacional. Pensando na sua respeitabilidade sob essa ótica,

³ VIDLER, Alec R. *Igreja numa Era de Revolução*.

ao invés de tratá-la como instituição de origem divina. Em outras palavras, essa crítica se resumia nisto: "tirem as mãos da Igreja".

Igreja da Inglaterra no século XVIII

Com a finalidade de entender um pouco a época em que a Comunhão Anglicana veio a expressar-se através da Conferência de Lambeth, vamos recorrer à descrição da situação em que vivia a Igreja da Inglaterra no início do século XVIII. Diz Cragg que a Igreja da Inglaterra tinha, nesse período "sólidos méritos e faltas indubitáveis" ⁴. Porém, antes de chegar à aparente calma, é bom observar algumas crises.

Vários movimentos sociais, eclesiais, missionários e teológicos, problemas, e decisões sinodais das Igrejas que surgiram da Igreja da Inglaterra influíram para a convocação da Conferência dos Bispos diocesanos dessas Igrejas em 1867.

Mencionamos anteriormente o movimento evangélico e o movimento católico, mais conhecido como "**Movimento de Oxford**" ou Panfletários (*Tractarians*), porque escreviam panfletos como os evangélicos fizeram. Os panfletos faziam parte da cultura daquela época.

9

Este movimento surgiu como crítica à Igreja erastiana da época. Este termo vem de um teólogo suíço de nome Thomas Erastus (1524-83), para quem o estado tem o direito de se intrometer nos negócios da Igreja e revogar suas decisões. Há algo de erastianismo na Igreja da Inglaterra. Paramanar a integridade da Igreja os membros do Movimento de Oxford concentraram-se na cláusula "Cremos na Igreja Una" do Credo e na doutrina da sucessão apostólica.

O Movimento de Oxford começou em 1833 com o discurso de John Keble. Oxford era, naquela época, o centro do pensamento anglicano, porém remoto e cheio de conservadores. Contudo havia liberais prontos para criticar os evangélicos e católicos. Na época eram os mais progressistas e se concentravam no Oriel, um famoso College de Oxford. Eram provocativos e estimulantes.

Keble veio da tradição dos teólogos carolíngios. Considerava-se discípulo de Richard Hooker, a via media. Era professor de poesia. Com ele estavam H. R. Froude, especializado em pensamento francês, E.B. Pusey, professor de Hebraico e Henry Newman, o qual veio do evangelicalismo e posteriormente tornou-se cardeal da Igreja Católica Romana.

Como eles estavam localizados em Oxford e se dirigiam aos intelectuais por meio de tratados ou panfletos, foram denominados de tractarians, panfletários ou simplesmente do "Movimento de Oxford". O período deles vai de 1833 a 1845. O movimento se concentrou numa única cláusula do Credo: Creio na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica. E concentrava-se na sucessão apostólica.

John Keble, em seu sermão da rua Assize intitulado "Apostasia Nacional", teceu críticas aos estadistas cristãos que, influenciados pela opinião pública estavam legislando contra a Igreja. Afirmava ele que a Igreja merecia respeito não como uma instituição nacional, mas como um instrumento da vontade divina. A interferência dos leigos na autoridade pastoral dos bispos é um grave pecado. A nação que caiu nessa desgraça não pode ter a proteção divina. Para enfrentar essa situação Keble começou estudar a natureza da Igreja. Foi por isso que o movimento concentrou-se na cláusula sobre a Igreja no Credo.

Em vários movimentos há ironia e ambigüidade. O discurso inicial na Rua Assize, em Oxford, nos mostra essa ambigüidade. O que motivou o protesto de Keble foi uma mudança legislativa que envolvia a Igreja na Irlanda, oficial, porém minoritária. Havia coleta de impostos para a Igreja oficial na Inglaterra e Irlanda. Na Irlanda houve muitas reclamações contra esse imposto, porque a maioria católica romana recolhia o tributo para uma outra Igreja, considerada oficial. Diante das pressões os políticos agiram para tomar medidas necessárias a fim de que a maioria fosse liberada desse imposto. Isso resultou na diminuição de dez bispados. Os políticos responsáveis por essas medidas foram Whig.

Keble, Pusey, Newman e outros líderes eram intelectuais e escreviam para os clérigos e não para o povo nas paróquias. Mais tarde o movimento alcançou as paróquias. Moorman observa que eles falavam muito em ritos e cerimoniais litúrgicos, mas na prática eram conservadores. Esses líderes

⁴Cragg, G.R. *A Igreja e a Idade de Razão (1648-1789)* Série Pelicano, p. 120.

celebravam com batina e sobrepeliz. As cores litúrgicas, e as cerimônias vieram mais tarde, das próprias paróquias quando muito do que eles ensinavam veio a ser praticado.

Os panfletários reafirmaram a independência da Igreja quando os liberais pretendiam reformar a Igreja e a sociedade. Eles defenderam o episcopado em sua sucessão histórica como sendo a essência da Igreja. Eles engrandeceram o ministério ordenado como representação de Cristo na Igreja. Em poucas palavras, a Igreja deve ser governada por aqueles que foram autorizadas apostolicamente e estes devem agir em continuidade com os apóstolos, e não como administradores de sociedades e organizações do mundo. Assim, o conceito da Igreja como criação divina, os sacramentos, o ministério e a espiritualidade foram enaltecidos. Houve trabalho nas favelas de Londres. O que faltou ao movimento foi a visão e instrumento críticos para perceber que a Revelação foi mediada por pessoas e instituições histórica e sociologicamente condicionadas. É importante perceber que tanto o Movimento de Oxford quanto o Movimento Evangélico estavam reagindo contra a influência do mundo na Igreja e contra os teólogos liberais em diálogo com as ciências. Mais tarde surgiram os católicos liberais e evangélicos liberais.

10

High Church

Também tinha inspiração semelhante o movimento da “Alta Igreja” ou *High Church* (concepção católica da Igreja) associado com o movimento da restauração, isto é, o retorno do rei Carlos II ao trono inglês em 1660 e conseqüentemente, a restauração da Igreja da Inglaterra como a Igreja oficial do Reino. Em outras palavras, os movimentos eclesiais estavam no bojo dos conflitos internos, e também externos da Inglaterra e não ficaram à margem da sociedade, mas procuraram influir na vida nacional. Por sua vez, o Estabelecimento não deixou de usar a Igreja para seus fins. O caminho é sempre de duas mãos. O ponto importante a destacar é o processo lento e penoso da aprendizagem da tolerância e da via média que começa ocorrer nesse contexto. Trata-se de algo inacabado e de fragilidade como um tesouro em vasos de barro, na expressão paulina.

Também deve-se destacar o conflito entre o trono e o parlamento, entre a Igreja e a monarca, o surgimento de dissidentes e seu reconhecimento. A aprendizagem nesse contexto contribuiu para a formação anglicana com seus pontos fortes e fracos.

O surgimento da Comunhão Anglicana expressa na 1ª Conferência de Lambeth tem como seu antecedente histórico o panorama da vida na Inglaterra do século XVIII.

Ensaio e resenhas (1860)

Antes de chegarmos à Conferência de Lambeth (1867) temos de descrever ligeiramente uma coleção de sete ensaios, que encetaram conflitos na Igreja da Inglaterra e em outras Igrejas da Comunhão Anglicana. A maioria dos panfletários e evangélicos era conservadora. Ainda não se dispunha de uma visão crítica da Bíblia e das instituições como foi dito acima. O surgimento de *Ensaio e Resenhas* foi precedido pela publicação da obra de Darwin, *Origens das Espécies* (1859). Essa obra pôs muitos clérigos em grande agitação. Pois a teoria da evolução colocou em dificuldade a leitura não poética do Livro de Gênesis ou da primeira cláusula do Credo. Na visão deles a obra de Darwin diminuiu o espaço para milagres. Na verdade, os clérigos que se apavoravam com a teoria da evolução e as descobertas das ciências não puderam entender que os cientistas estavam em busca da verdade. Faltou serenidade e muitos tomavam partido sem discernimento e escreviam panfletos que em nada contribuíram. Consta que Disraeli, numa sociedade diocesana de Oxford, em 1864, gritou: “a grande questão é esta: o homem é um macaco ou um anjo”? Alguém replicou: “estou ao lado dos anjos”. Houve aplausos calorosos.

Nesse contexto, houve quem ficasse com a Bíblia e houve quem ficasse com os cientistas. Esse era o clima na época em que surgiu a obra *Ensaio e Resenhas* com críticas às leituras tradicionais a-críticas da Bíblia. Pode-se imaginar a situação daqueles que se apegaram à Bíblia como a Palavra que caiu do céu e não como a Palavra que se ouviu por meio das palavras humanas com suas limitações culturais e históricas. Lá fora os cientistas. Dentro da Igreja, os teólogos que, na visão dos clérigos tradicionalistas, solapavam a autoridade da Bíblia. Por isso, logo que os *Ensaio* foram lidos, os bispos

se reuniram e escreveram um documento contra o livro. Houve um abaixo assinado contra os autores subscritos por 11.000 clérigos e 137.000 leigos.

Foi nesse contexto que entrou no cenário o Bispo J.W. Colenso da diocese de Natal, criada em 1853, no Sul da África. Ele foi o pivô da convocação da primeira Conferência de Lambeth. Era um matemático muito conhecido em Cambridge. Como Bispo de Natal, Colenso escreveu *Comentários sobre a Carta aos Romanos*, *Introdução ao Pentateuco* e *Josué*. Fez o uso da matemática e estatística e chegou à conclusão de que essas obras surgiram muito mais tarde do que se pensava. E a conclusão de que nada nos estremeceria foi: a Bíblia enquanto Bíblia não é a Palavra de Deus, mas com toda a certeza a Palavra de Deus será ouvida na Bíblia. O conhecimento de Cristo não é mais do que o de um judeu educado.

11

Essas declarações deixaram os bispos tradicionalistas apavorados. Colenso foi censurado e deposto. Naturalmente, seus amigos o defendiam e seus adversários o atacavam. Houve não só debates e controvérsias, mas movimentos para revogar a deposição dele. Para revogá-la, era preciso que houvesse um tribunal superior de apelação acima do tribunal da Província do Sul da África. Os simpatizantes do Colenso não estavam limitados aos ingleses de Cambridge e Oxford, mas encontravam-se também em outras Igrejas da Comunhão Anglicana. Para se ter um tribunal superior de apelação seria preciso um organismo legislativo superior aos sínodos gerais das Igrejas da Comunhão Anglicana. Houve muita troca de correspondência entre os bispos e com o Arcebispo de Cantuária. Chegou-se à conclusão de que não haveria um Sínodo Geral da Comunhão Anglicana, mas sim uma Conferência dos Bispos diocesanos.

Diga-se de passagem que a Diocese de Natal revogou, post-mortem, a deposição do Colenso, no ano passado.

Para situar o surgimento da 1ª Conferência de Lambeth é preciso fazer breves referências a um agrupamento maior dos anglicanos do que movimentos, e escolas de teologia. Trata-se de Províncias ou Igrejas Nacionais ou Regionais como a Igreja Episcopal nos Estados Unidos, a Igreja do Sul da África, etc.

A Igreja Episcopal nos Estados Unidos (Episcopal Protestante nos Estados Unidos, inicialmente) foi a primeira tentativa do anglicanismo adaptar-se a uma nova situação. Devido à independência dos Estados Unidos o comportamento da Igreja em relação ao Estado tinha de ser outro. Os fundadores do Estados Unidos não pensaram numa Igreja oficial. Havia muitas Igrejas em ação. Além disso, entre os anglicanos havia clérigos fieis ao Rei da Inglaterra. Muitos deles voltaram à Inglaterra ou migraram para o Canadá. Por outro lado, havia membros da Igreja entre os fundadores da República. O primeiro presidente, George Washington era membro fiel da Igreja Episcopal. Em Alexandria há a Paróquia de Cristo, onde Washington foi professor de Escola Dominical.

Era, também, uma Igreja sem bispos, porque os bispos vinham da Inglaterra para sua ministração. Aqui a relação entre Igreja e Estado na Inglaterra influenciou nas questões pastorais, quando a nova Igreja necessitou ter seus bispos. Os bispos da Inglaterra não estavam dispostos a ordenar americanos para o episcopado. Como poderiam eles ordenar clérigos considerados rebeldes do ponto de vista dos ingleses? Assim, o primeiro bispo americano foi sagrado pelos bispos escoceses em Aberdeen, em 1784. Samuel Seabury era seu nome.

Em muitos pontos a nova Igreja aceitou o *Livro de Oração Comum* inglês. É claro que, desde o início foi exigido da Igreja o exercício da distinção entre o essencial e não-essencial. Por exemplo, a forma como se exerce o episcopado se distingue do próprio episcopado. Aliás isso já estava nos 39 Artigos. Orar pelos reis não era essencial. Isso pode ser substituído por uma oração pelo povo, pela nação e por aqueles que exercem todos os tipos de autoridade e trabalham pelo povo. É bíblico orar por eles e esse ato revela que não se trata de uma comunidade sectária.

Na Eucaristia, por causa de Seabury, foi incorporado o rito escocês, isto é, a tradição oriental (antioquena) de colocar a epiclese após a anamnese ou memorial. Em outras palavras, a Igreja teve de enfrentar os desafios da continuidade e descontinuidade.

Nada foi muito harmonioso. Houve segmentos na Igreja que não desejavam a participação do laicato nas decisões sinodais. Estes eram de Connecticut, da Nova Inglaterra e queriam um episcopado forte. Havia outros liderados por William White, bispo sagrado pelos ingleses depois de Seabury na

Escócia. O plano deste se denominou de Federal e dava mais peso ao presbiterado e laicato. Ele buscou a participação leiga no governo da Igreja na Igreja Primitiva e na experiência política da Inglaterra, isto é, no modelo de duas Câmaras onde os leigos tomavam parte nas medidas referentes à Igreja. Essas duas tendências chegaram a um entendimento. E isso resultou na criação da Câmara dos Bispos e na Câmara dos Presbíteros e Leigos. Inicialmente, a Câmara dos Bispos não podia tomar iniciativas na legislação, mas cabia a ela o poder de veto, o qual só poderia ser derrubado com 3/5 da Convenção. Mas no fim da Convenção de 1789, houve a resolução de que a Câmara dos Bispos tem o direito de iniciar a legislação e seu veto só poderia ser derrubado por 4/5 da Convenção. E tudo indica

12

que as organizações como dioceses, Convenção Geral, as organizações diocesanas e de âmbito nacional visavam o crescimento das paróquias. Assim, dependendo das dioceses, a Igreja dos Estados Unidos pode dar a impressão de que as coisas estão centradas nas paróquias. Por outro lado, é costume das paróquias nos Estados Unidos reservarem uma cadeira para o bispo. Também houve sempre, dependendo da diocese, um alto conceito de episcopado. A média está num provérbio: a grande arte de governar é não governar demais.

Também é preciso observar que, a começar com a Igreja nos Estados Unidos, surgiu a prática da autonomia das Províncias ou Igrejas Nacionais ou Regionais, baseada na prática da Igreja Primitiva.

Do mesmo modo, os bispos vieram a ser eleitos pelas respectivas dioceses. O Presidente do Sínodo foi eleito pelo Sínodo. Qualquer bispo diocesano poderia ser eleito Primaz e até hoje essa prática é seguida. Atualmente, o Bispo Presidente da Igreja nos Estados Unidos é liberado da diocese quando eleito. O espírito de “primeiro entre os pares”, isto é, aquele que governa a Igreja com seus irmãos bispos, presbíteros e leigos vem, também, da tradição do Arcebispo de Cantuária. Esse espírito está expresso num documento de 1842 que diz que não agirá contra a maioria de seus irmãos. Trata-se do espírito de consulta e de colegialidade.

Em 1893 aconteceu o primeiro Sínodo Geral da Igreja do Canadá. Na Austrália, o primeiro Sínodo Geral foi convocado em 1872, porém a Igreja ali tornou-se autônoma só em 1962. O primeiro Sínodo Geral em Nova Zelândia foi convocado em 1852. Em 1862 os leigos começam a participar na eleição dos bispos. Em 1865 realizou-se o primeiro Sínodo Geral da Igreja na África do Sul. Em 1866, consta numa carta de 1864 de Channing Moore Williams, um samurai ou Sohmura vinha à casa desse missionário todas as tardes para a leitura da Bíblia em chinês. Essa figura foi transferida para uma área longínqua de Tóquio para um alto cargo do governo feudal mas manteve contato com Williams e, quando soube em 1866, que Williams retornaria aos Estados Unidos foi batizado por ele. Nos anais da Igreja nos Estados Unidos esse samurai consta como o primeiro a ser batizado na Igreja no Japão.

Estes são acontecimentos, episódios e movimentos nas vésperas da 1ª Conferência de Lambeth (1867).

Bibliografia

CRAGG, G.R. *A Igreja e a Idade de Razão (1648-1789)* Série Pelicano.

VIDLER, Alec R. *Igreja numa Era de Revolução*

MOORMAN, J.R.H. *A History of the Church of England*, Londres: Adam and Charles Black, 1954

KENT, John. *The Unacceptable Face - The Modern Church in the Eyes of the Historian*, SCM Press, 1987

SYKES, S. e BOOTY, J. (editores) *The Study of Anglicanism*, SPCK, 1988

METODOLOGIA TEOLÓGICA ANGLICANA - UMA VISÃO GENÉRICA

Rev. Carlos Eduardo Calvani*

Estamos acostumados a pensar a teologia como um apanhado de verdades sobre Deus e o plano de salvação revelado nas Escrituras. Porém nunca houve uniformidade teológica na Igreja, nem mesmo nos tempos apostólicos. Por isso não existe uma teologia sobre a qual se possa dizer: "essa é a teologia verdadeira", "a teologia perene", muito embora os católicos tenham tentado erigir a teologia de Tomás de Aquino como tal, e alguns evangélicos tenham feito o mesmo com Lutero, Calvino, o pietismo ou o arminianismo wesleyano.

A dificuldade de se encontrar a "verdadeira" teologia indica a busca por algo que não existe, se compreendermos a expressão "verdadeira" como sinônimo daqueles discursos que correspondem exatamente ao que Deus é, fez e faz. Só podemos utilizar essa expressão se com ela entendermos "verdade" não como a correspondência exata entre a idéia pensante e a coisa pensada, mas como processo de busca e mergulho no mistério divino. Aí sim, será uma teologia "verdadeira", porque será fruto de experiências concretas de fé.

O fato é que a teologia padece de uma grande limitação: ela é um discurso muito humano, a mais humana de todas as ciências. Teologia não é discurso divino. Deus não faz teologia nem precisa fazer. Algumas vezes ouvimos na Igreja expressões do tipo: "não quero saber de teologias dos homens, quero saber da teologia de Deus". Essa, sinceramente eu não conheço, nunca vi e duvido mesmo que exista. A teologia é coisa nossa demais. É uma linguagem composta a partir de experiências concretas de fé, luta, busca por iluminação e por isso freqüentemente nós a produzimos com lágrimas de tristeza e alegria, tal como os salmistas.

Na verdade, todas as teologias bíblicas são assim. Profundamente comprometidas com contextos, situações e opções históricas. A experiência do Êxodo marcou indelevelmente o povo hebreu - os *hapiirus* - e esses começaram a compor explicações daquele evento recorrendo à única explicação possível: a fé. "Foi Iahweh quem nos libertou do Egito". Mais tarde, no período monárquico, com o povo já estabelecido em sua terra, surgiram facções políticas e diferenças culturais que também determinaram a linguagem teológica. A teoria das fontes, embora superada hoje em dia no campo da exegese, nos ensinou isso. Os autores javistas tinham uma determinada concepção de Deus, enquanto os eloístas tinham outra. Porque teologia sempre é uma expressão responsiva da fé, feita por seres humanos atingidos por uma ação misteriosa que cremos ser do próprio Deus.

Mesmo o Novo Testamento não escapou dessa diversidade. Raymond Brown escreveu um belíssimo estudo intitulado "As Igrejas dos Apóstolos", no qual mostra a diversidade na concepção de igreja (a eclesiologia), dos sacramentos e da missão em algumas comunidades neo-testamentárias de que temos notícias. A comunidade joanina tem uma teologia bastante diferente da lucana. A eclesiologia de Efésios e Colossenses em nada se assemelha à de I e II Coríntios ou à eclesiologia petrina.

Toda essa diversidade bíblica indica que nunca poderemos falar em "teologia bíblica" no singular, mas sempre no plural: há na Bíblia teologias - diferentes discursos que giram em torno de um ponto central: a compreensão da Revelação de Deus em Jesus Cristo.

É por isso que o primeiro compêndio de teologia que temos é a própria Bíblia. Os fundamentalistas naturalmente não aceitam tal afirmação. Porém, os textos bíblicos são os primeiros textos teológicos que conhecemos - narrativas, crônicas, louvores (salmos) e reflexões teológicas profundamente humanas, mas inspiradas por uma íntima relação de fidelidade e entrega ao mistério

* O autor é sacerdote da IEAB, Doutor em Ciências da Religião, Coordenador teológico da Diocese Anglicana de São Paulo, Professor do IAET e Reitor da Paróquia de São Lucas, em Londrina. Essa palestra foi apresentada na VII Jornada Teológica do IAET, em 1999.

salvífico de Deus na vida do povo. Por isso é um livro cheio de divergências entre seus autores, mas ao mesmo tempo um livro que qualificamos como portador da Palavra salvífica, por ser um livro nascido da experiência do povo com Deus e seu Cristo, livro que contém a Palavra de Deus e que se torna Palavra de Deus na medida em que é vivificado pelo Espírito na leitura comunitária e na apreensão dos novos modos de Deus agir hoje.

Geralmente somos confrontados no diálogo ecumênico com questões do tipo: “existe uma teologia caracteristicamente anglicana?” ou “qual é a verdadeira teologia anglicana”? Por essas razões, sempre me soa incômoda a pergunta: “qual a verdadeira teologia anglicana?” Não sei. Não existe. *Mutatis mutandis*, vivemos na comunhão anglicana a mesma característica de diversidade teológica verificada nas escrituras. O que experimentamos na Igreja Anglicana em termos de produção teológica é de tamanha riqueza e diversidade que dificilmente poderíamos compor uma obra de *Teologia Sistemática Anglicana* sem excluir dela opiniões conflitantes às nossas, mas que também são produzidas com fé, dentro de nossa comunhão e que são, por isso, também “anglicanas”.

Essas perguntas naturalmente são feitas por pessoas acostumadas a cercas teológicas divisórias: dificilmente essa pergunta surgiria antes da Reforma. Foi com a Reforma que surgiram igrejas fundamentadas em interpretações da Revelação claramente influenciadas por pessoas ou grupos. É claro que antes já existia a teologia franciscana, a de Duns Escoto, a de Tomás de Aquino, mas em torno delas se reuniam ordens dentro da mesma Igreja. Com a Reforma é que surgiram cismas identificados por posicionamentos teológicos claramente definidos. A partir daí tornou-se possível falar em teologia luterana, calvinista, arminiana, etc. Por isso muitos imaginam que, pelo fato de a Igreja da Inglaterra ter se separado de Roma, naturalmente deveria haver também uma “teologia anglicana”, identificada com um ou outro teólogo. Mas não há e eu considero esse ponto extremamente positivo: não temos compromisso com a teologia formulada por uma pessoa, mas sim com o Deus que a todos nos reúne numa Igreja.

Quando dizemos que não há teologia anglicana, não significa que em nossa Igreja não haja teólogos ou que desprezemos a produção teológica. Muito tem sido produzido na Igreja Anglicana, mas, devido às suas próprias características históricas, é impossível configurar toda a produção anglicana numa teologia harmoniosa e dogmática que satisfaça a todas as vozes presentes nessa Igreja. Assim como há teologias bíblicas também há teologias anglicanas. Devido à própria natureza do fazer teológico - um discurso humano a partir da experiência com Deus.

Também não existe em nossa Comunhão uma Confissão normatizada como a de Augsburg para os luteranos ou a de Westminster para os reformados e presbiterianos. A Igreja da Inglaterra e outras províncias ainda mantêm os 39 artigos de religião, mas não são todas as províncias anglicanas que os acolhem como “confissão normativa da fé”. Para muitos anglicanos, a teologia exposta no documento BEM (Batismo, Eucaristia e Ministério, do Conselho Mundial de Igrejas) pode ser vista como uma teologia que agrada, de modo geral, a todas as igrejas que compõem a Comunhão Anglicana - por ser ecumênica, dar espaço às diversidades e se aproximar bastante dos padrões anglicanos tanto na vida sacramental como na ordem ministerial. O que temos, na verdade, para nos unir é o LOC (*Livro de Oração Comum*). Nele se expressa nossa forma de fazer teologia - *Lex orandi, lex credendi* - com todas as suas ambigüidades.

Ser teólogo anglicano não é comprometer-se com a defesa da teologia formulada por uma pessoa, embora isso também possa ser possível. Há em nosso meio os que se apegam mais a Hooker e Maurice; outros, mais recentemente compreendem a teologia nos moldes apresentados por John Stott, John A.T. Robinson e John Spong. Há ainda tillichianos e barthianos, evangélicos e católicos, e dentre os evangélicos, há calvinistas e arminianos. Como isso é possível. A resposta reside no fato de que ser teólogo anglicano é estar comprometido com uma identidade eclesial que reconhece humildemente que a Revelação de Deus é inesgotável e nos toca de diferentes maneiras. Não é ter a verdade, mas buscá-la; não é defender com unhas e dentes posições das quais posteriormente poderemos renunciar, mas é defender com unhas e dentes a liberdade do teólogo a serviço da Igreja, do Reino e do povo de Deus. É assimilar a identidade anglicana de pluralismo e diversidade não como algo imposto a nós, mas recebido alegremente como dom.

1. Em busca de princípios metodológicos.

Se não existe um conteúdo teológico especificamente anglicano, resta dizer que o que qualifica o anglicanismo é muito mais um método teológico e algumas ênfases que propriamente um conteúdo doutrinário. O maior acento está na eclesiologia e tudo que gira em torno dela: a liturgia, os sacramentos, o ministério, a missão, a tolerância, o crescimento em amor e serviço. Naturalmente isso sempre surge da compreensão teológica do Evangelho, da Trindade, da Cristologia (particularmente a doutrina da Encarnação - outro tópico fortemente acentuado no anglicanismo), do Espírito Santo e de um horizonte escatológico.

Quando falamos em teologias anglicanas, portanto, sempre o fazemos à sombra de três perigos que já foram apontados anteriormente por outros teólogos:

O **primeiro** é identificar a Teologia anglicana com a teologia produzida na Inglaterra, especialmente a configurada nos 39 artigos de religião. Já dissemos que nem todas as províncias anglicanas adotam esses artigos, pois teologia anglicana não é isso. Fazemos parte de uma comunhão universal espalhada pelos cinco continentes. E neles surgem teologias próprias respondendo a seu contexto e situação.

O **segundo** perigo é tentar forçosamente extrair todo o caráter inglês do anglicanismo. De fato, os “39 artigos” e outros textos nascidos na Inglaterra não espelham toda diversidade da Comunhão Anglicana espalhada no mundo, mas certas circunstâncias históricas que envolveram a produção desses textos tornaram-se determinantes na metodologia teológica anglicana.

O **terceiro** perigo também é muito sutil. Nós anglicanos gostamos muito da expressão “via-média”. Alguns clérigos estufam o peito em reuniões ecumênicas e enchem a boca para explicar que o anglicanismo representa o equilíbrio entre o catolicismo e as igrejas evangélicas, ou a “igreja ponte”, que evita os erros e abusos de cada lado, ao mesmo tempo que acolhe seus acertos. Sem dúvida, essa visão é bastante atraente e não deixa de ser de todo equivocada, ao menos em sua intenção. Mas o fato é que ela não pode dar o tom de nossa identidade teológica, pois seria muita pobreza de nossa parte alimentar nossa teologia apenas dos erros e acertos de outras tradições.

Contudo, é impossível evitar nossas raízes históricas. Michael Ramsey, que foi Arcebispo de Cantuária, ao falar da Igreja Anglicana, disse: “Suas credenciais são a sua falta de perfeição, com a tensão e as lutas em sua alma. Ela é desajeitada e descuidada, frustra a clareza e a lógica. Porque é enviada não para ser elogiada por si mesma como ‘o melhor tipo de cristianismo’, mas exatamente por causa da sua própria fragilidade, mostra para a igreja universal em que ponto todos morremos”.

A partir dessas considerações, vamos esboçar algumas lembranças sobre a história da Igreja na Inglaterra, suas lutas, a produção teológica que nasceu em meio a esses conflitos e a metodologia teológica que, aos poucos foi se delineando no anglicanismo.

2. Motivações históricas

O método teológico anglicano desenvolveu-se não a partir de gabinetes e especulações, mas a partir de tensões históricas surgidas na época da autonomia da Igreja da Inglaterra em relação a Roma. Havia, ao mesmo tempo, desejo de continuidade com o passado e inclusão das experiências da Reforma. Tudo isso envolto em pressões políticas, religiosas e culturais que sacudiam o povo britânico e a nação. E a Igreja acompanhou essas crises políticas e culturais porque na Inglaterra a Igreja sempre se entendeu como parte da cultura - situada ali para marcar aquela cultura com os sinais do Evangelho, reunir o povo e purificá-lo para o encontro com o Senhor.

O próprio conceito de “via-média” não foi uma produção primeiramente teórica. Na Teologia da Libertação costumamos afirmar que a prática deve sempre vir antes da formulação teológica, ou

seja, “teologia é ato segundo”. De certo modo isso sempre aconteceu na história da Igreja. O teólogo reflete sobre o que Deus faz no mundo, em seu povo e por meio dele. E principalmente reflete sobre a maneira como esse povo compreende a ação de Deus. A “via-média” anglicana é um conceito nascido a partir dessas experiências - teologia como ato segundo: apela à experiência passada da Igreja, tentando preservar tudo o que ali é belo e verdadeiro, ao mesmo tempo em que critica o que é desnecessário a partir de sua compreensão da natureza da vida cristã e das necessidades do mundo contemporâneo.

A posição geográfica das ilhas britânicas favoreceu esse olhar distanciado e compreensivo. O fato de ser uma grande ilha, relativamente isolada do continente determinou esse distanciamento. Basta lembrar que no resto da Europa na época das reformas foram tomadas posições bem claras e delimitadas pelas comunidades cristãs: ou a favor de Roma ou a favor do protestantismo. A distância geográfica da Inglaterra favoreceu o surgimento de um olhar mais próximo da objetividade ou não tão apaixonado. No século XVI e XVIII a *via média* representou o meio-termo entre Roma e Genebra. Atualmente, esse conceito não se limita apenas a propor uma conciliação entre duas posições eclesiais antagônicas, mas aplica-se também à ética e à política.

Seria extremamente cansativo comentar a teologia produzida nas ilhas britânicas desde o grande Santo Anselmo até a crítica dos lóardos, passando naturalmente por Wycliff. Mas vamos concentrar nossa atenção no momento histórico da Reforma.

Na segunda década do reinado de Henrique VIII, Lutero foi excomungado pelo Papa Leão X, mas suas obras já circulavam na Inglaterra favorecidas pelo advento da Imprensa. Circulavam também outras obras procedentes de Zurique e Basileia. Todas traziam críticas ao sistema romano e foram lidas, com certa perplexidade nas universidades pelos clérigos e intelectuais com reações diversas. Muitos na Inglaterra as acolheram de bom grado. Mas as autoridades não. O Bispo de Londres queimou publicamente a Bíblia de Tyndale e Henrique VIII fez publicar uma obra contra a teologia de Lutero em 1525, que lhe rendeu do Papa, o título de "Defensor da Fé", mantido até hoje pelos monarcas britânicos.

Após o **Ato de Supremacia de 1534**, Henrique VIII foi declarado Supremo chefe da Igreja. Nessa época as universidades estavam bastante atentas aos estudos da teologia dos reformadores e aos novos conhecimentos produzidos pelos renascentistas. Em 1536 já estavam surgindo confissões reformadas no continente e alguns teólogos na Inglaterra entenderam ser necessário produzir uma pequena formulação que espelhasse um consenso teológico mínimo entre os anglicanos. Nesse contexto surgiram os "**Dez Artigos**" com o objetivo de suscitar a paz, evitar polêmicas conflitantes e assegurar a conciliação entre posições opostas. Porém, os *Dez Artigos* posicionam-se claramente no repúdio à autoridade papal sobre a Inglaterra. Afirmava-se nesses artigos que o fundamental da fé está nas Escrituras e nos três credos (incluía-se o Credo Atanasiano). A influência de Lutero é nítida na afirmação de que existem três sacramentos: batismo, eucaristia e penitência, conforme entendia o reformador. Enfatizava-se a presença real de Cristo na Eucaristia, mas sem interpretar o modo como isso ocorre, evitando fazer qualquer referência à transubstanciação ou consubstanciação.

Sobre as cerimônias, os *Dez Artigos* recomendam que há lugar para as imagens na Igreja a fim de acalantar e avivar a mente, mas que a idolatria deve ser evitada. Os santos devem ser honrados e invocados como intercessores para orar conosco e por nós, mas sem a superstição de que um santo está mais pronto para ouvir e atender do que o Cristo. Além dos *Dez Artigos* surgiu também o chamado "*Livro do Rei*", mandado publicar por Henrique VIII em 1543 com posições favoráveis às doutrinas romanas e medievais, excetuando-se o papado. Defendia a doutrina da transubstanciação, colocava no mesmo patamar os sete sacramentos e defendia o celibato do clero.

Em 1549 surgiu o 1º *Livro de Oração Comum*. Sobre ele algo mais será dito no decorrer desse ensaio. O 1º foi fruto do esforço abnegado do Arcebispo **Thomas Cranmer**. Sua preocupação era basicamente pastoral. A liturgia no vernáculo favoreceu a participação da comunidade na celebração e serviu também para alimentar os sentimentos de autonomia e independência que mais tarde se espalharam por todas as igrejas da Comunhão Anglicana. Esse sentimento de autonomia, porém, não era isolacionista, pois a liturgia contida no LOC permanecia enraizada na tradição litúrgica da Igreja

17

patrística e medieval, ao mesmo tempo em que incorporava características típicas das novas liturgias reformadas.

Em 1553 foram publicados os *42 Artigos de Religião*. Porém, no mesmo ano subiu ao trono a rainha Maria, fiel católica-romana. Maria revogou os *42 Artigos*, mas esses continuaram influenciando muito o povo. Mais tarde em 1571, essa revogação foi anulada. Nessa época a rainha era Elizabeth I e a Sé de Cantuária era ocupada por Mathew Parker. O número, porém, foi reduzido de 42 para 39. Em outra oportunidade comentaremos as causas dessa redução.

Originalmente, a publicação dos *42 Artigos* visava estabelecer um consenso entre o catolicismo medieval e o anabatismo. Em relação ao catolicismo medieval, negava as reivindicações do papa, afirmava que a Igreja não está isenta de erros e que os Concílios não são infalíveis; defendia o uso do

vernáculo na liturgia e o casamento do clero; combatia a doutrina dos méritos, do purgatório e da transubstanciação e defendia a suficiência das Escrituras.

Em relação aos anabatistas, afirmava a fé católica, a doutrina da Trindade, e combatia entre outras coisas, o pelagianismo, a negação do caráter sacramental da ordenação, do Batismo Infantil, o repúdio à disciplina eclesiástica, o milenarismo e a impugnação da autoridade do Estado. Há neles uma nítida influência luterana.

Elizabeth I em seu reinado tinha um grande objetivo: assegurar a unidade da nação. E a Igreja deveria ser a base para essa unidade. Baseava-se nas palavras bíblicas: “Feliz a nação cujo Deus é o Senhor”. Por isso concentrou-se não na doutrina, que geralmente é fator de divisão, mas na adoração. Daí a importância dada ao LOC.

3. O Movimento Puritano

Entretanto, a partir de 1570 a influência do puritanismo calvinista começou a se mostrar mais forte na Inglaterra. Em 1572, a Igreja da Inglaterra foi abalada com um texto intitulado “*Censura*”, a plataforma puritana enviada ao Parlamento. Continha a carta de Theodore Beza, teólogo calvinista, criticando tudo o que no LOC os puritanos consideravam resquício papista. Esses puritanos eram extremados calvinistas. Mais até que o próprio Calvino (diga-se de passagem, Beza e Parkins deturparam muito a teologia de Calvino, principalmente no tocante à predestinação, acentuando pontos que Calvino considerava irrelevantes como a ordem dos decretos. Foi Beza quem criou o conceito de “predestinação antes da criação”).

Para os puritanos, a Liturgia Eucarística era ainda muito romana. Combatiam o que consideravam superstições como o sinal da cruz no Batismo, a imposição das mãos na confirmação, o uso de alianças no casamento, a celebração dos santos no calendário cristão, a vênua quando se pronuncia o nome de Jesus, as antifonas na leitura dos Salmos, as vestes litúrgicas, paramentos e, principalmente o episcopado. Os puritanos já pendiam na época para uma interpretação literal das Escrituras, de acordo com suas preferências. Defendiam a pena capital porque ela está contida no AT, mas condenavam o uso da aliança no casamento e a postura de ajoelhar-se na comunhão porque não viam referências disso nas Escrituras.

Quanto à Assembléia litúrgica, os puritanos queriam que o centro do culto fosse a pregação. No seu esquema, a noção de Palavra se restringe apenas à dimensão do presente, vinda de um pregador ou intérprete das Escrituras. Não havia espaço em sua argumentação para compreender a tríplice dimensão da Palavra: Cristo como a Palavra primeira e definitiva, a Palavra registrada nas Escrituras e a Palavra viva. O culto era mais uma aula de teologia que propriamente um momento de celebração. Muitos defendiam a abolição dos instrumentos musicais, seguindo Zwínglio e Calvino. E apenas o cântico de Salmos.

Pode-se dizer, por isso, que a plataforma puritana não representava propriamente uma reforma, mas a negação de todo o passado e a criação de uma nova doutrina, de um novo culto, de

18

um novo ministério. A criação de uma nova Igreja, enfim. O que o anglicanismo buscava era a reforma da mesma Igreja, do mesmo culto, do mesmo ministério. Na época dessa polêmica, os puritanos insatisfeitos já organizavam cultos à moda genebrina.

No período em que o puritanismo dominou politicamente a Inglaterra, o Parlamento tentou dissolver o episcopado e mostraram facetas nada puras como a execução do Arcebispo William Laud em 1645. A restauração da monarquia e do episcopado revelou seu fracasso. A partir de 1662 com a edição do terceiro LOC a maioria dos puritanos rompeu a comunhão com a Igreja da Inglaterra, estabelecendo comunidades autônomas, geralmente de governo congregacional. Muitos também emigraram para as colônias na América do Norte, sonhando edificar ali uma “nova Inglaterra”.

4. A importância de Richard Hooker:

Hooker foi um dos maiores teólogos do anglicanismo. Ele conhecia bem os puritanos, pois seu tutor havia sido um puritano. Naquela época, os puritanos ainda faziam parte da Igreja da Inglaterra.

Hooker acompanhou os primeiros cismas internos no puritanismo, como a saída de Robert Brown em 1580 e a criação da primeira comunidade congregacional de teologia anabatista: os primeiros batistas na Inglaterra. Seu grande mérito foi fazer teologia também com propósitos pastorais: seu maior objetivo era a unidade e conciliação da Igreja, a busca de um caminho que ao mesmo tempo preservasse os valores do passado e se abrisse às promessas do futuro.

À luz da controvérsia em torno da "Censura" puritana, Hooker tomou posição evitando, ao mesmo tempo, extremismos e retrocessos. Concordava com os puritanos quanto à importância e suficiência das Escrituras, enfatizando que essas, de fato, contêm todas as coisas necessárias à salvação. São suficientes no que se refere ao conhecimento do plano de Deus. Mas isso não significava que tudo que se encontra nas Escrituras seja necessário para a salvação. Temos aí a gênese de um princípio hermenêutico básico ao anglicanismo: saber distinguir o essencial do secundário, o transitório do eterno. Desse modo, Hooker evitava dois extremos: a posição romana de que as Escrituras são insuficientes e necessitam do apoio da Tradição; mas também combatia a posição puritana de que é pecaminosa e ilegítima a liberdade da Igreja tomar decisões a respeito de assuntos os quais sobre as Escrituras silenciam. Segundo ele, no que as Escrituras silenciam, cabe à Igreja posicionar-se levando em conta as boas e más experiências acumuladas nos séculos. Nesse sentido, a Tradição é importante porque transmite as experiências acumuladas pelo povo de Deus.

No tocante à justificação, Hooker também aceitou a correção dos reformadores, acentuando a iniciativa divina, a gratuidade da salvação e a graça imerecida que perdoa os pecadores e dá ao ser humano uma nova posição diante de Deus. Mas os puritanos entendiam que isso só vinha pela Palavra lida, interpretada e pregada e capaz de suscitar a experiência da fé. Os sacramentos, na visão puritana eram apenas selos de confirmação ou memoriais de obediência à Palavra. Hooker soube equilibrar Palavra e Sacramento, mostrando que os Sacramentos também são meios de graça, "instrumentos de Deus" e que a Igreja é comunhão sacramental.

Quanto à modalidade da presença sacramental na Ceia, Hooker proclamava a participação real no corpo e sangue de Cristo, dizendo: "É suficiente apresentar-me à Mesa do Senhor e saber o que recebo do Senhor, *sem indagar a maneira como Cristo realiza a sua promessa...* é suficiente que eu receba o corpo e sangue de Cristo" (grifos meus).

Para a compreensão da eclesiologia, Hooker entrou no debate, comum na época, sobre a "Igreja visível" e a "invisível". Mas mostrou que não há duas igrejas, e sim diferentes estados e condições. Essa é a ambigüidade da Igreja. Ela é Corpo de Cristo, mas também abriga quem não está em comunhão plena com Cristo. Para isso, recorreu à metáfora de Jesus sobre o campo onde coexistem trigo e joio. A partir daí, acrescentou a idéia de que a Igreja não tem competência para julgar, em caráter definitivo, quem está com Cristo ou quem não está.

19

Outro elemento importante na eclesiologia de Hooker é seu dinamismo. Ele não via a Igreja como uma entidade estática, já estabelecida e que se colocava como guardião do depósito de fé. Para ele, a Igreja, por ser organismo vivo, desenvolve-se dinamicamente na história. Assim, é natural que com o tempo, mudem os métodos de governo e administração, e a Igreja se adapte às novas circunstâncias históricas. Trata-se, no fundo, de uma visão brotada da fé: a Igreja é sacramento de Cristo pelo Espírito. Por isso, ela deve confiar em sua capacidade de se arriscar naqueles pontos onde a Bíblia silencia ou é obscura, recorrendo ao senso comum, às experiências do passado e à razão. Uma das grandes contribuições de Hooker à metodologia teológica anglicana foi a articulação entre **Bíblia, Tradição e Razão**.

Percebe-se que a experiência dos teólogos ligados à Igreja da Inglaterra foi forjada e marcada pela busca de identidade própria entre dois fronts. Inicialmente, a produção teológica destinava-se a esclarecer em que pontos a Igreja da Inglaterra diferia em relação a Roma. Com o crescimento do puritanismo, o foco foi direcionado para as especificidades do anglicanismo em relação aos protestantes continentais. Outros nomes importantes, sobre os quais não há tempo de falar: Lancelot Andrews e Jeremy Taylor.

5. Teologia nos Livros de Oração Comum

Outra possibilidade de conhecimento da metodologia teológica anglicana está na história dos LOCs. No prefácio do 1º LOC, Cranmer orienta a reforma da Igreja com alguns princípios básicos:

- a) supressão dos excessos medievais na liturgia;
- b) promoção da leitura das Escrituras Sagradas no vernáculo;
- c) dar ao povo acesso a todos os ritos da Igreja num só livro - ênfase comunitária

Esse 1º LOC foi editado durante o reinado de Eduardo VI em 1549. Previa a recitação do Credo Atanasiano nas Orações Matutinas do Natal, Epifania, Páscoa, Ascensão, Pentecostes e Trindade. Simplificou a antiga liturgia das horas em apenas duas: Matutina e Vespertina. A Eucaristia era chamada "Ceia do Senhor, Santa Comunhão ou Missa". Iniciava com a Oração Dominical, a coleta pela pureza, seguida por Salmo, Kyrie, Gloria, a coleta do dia e orações pelo rei. A seguir vinham as leituras, o Credo Niceno e o sermão. A Confissão Geral com absolvição era feita imediatamente antes da comunhão, após a Oração Eucarística. As rubricas orientavam a administração da Comunhão em ambas as espécies, algo totalmente novo para a época. Também era permitida a reserva dos elementos consagrados para a comunhão dos enfermos.

Contra esse primeiro LOC houve rejeições tanto por parte dos tradicionais medievalistas quanto de teólogos ligados aos reformadores do continente. Naturalmente, cada grupo tinha seus motivos. Tentou-se fazer uma revisão conciliadora em 1552, prevendo a posição ajoelhada para a recepção da comunhão, e incluindo a reivindicação puritana do Decálogo com o responso: "Senhor, tem misericórdia de nós e inclina os nossos corações a guardar esta lei". Essa litania ainda é preservada, diga-se de passagem, em nosso LOC brasileiro, no Rito I. Também foi incluída a chamada *Oração de Humilde Acesso* (também presente no Rito I de nosso LOC) e abolida a oração pelos falecidos no Ofício de sepultamento. A teologia eucarística tinha um certo tom zwingliano, pois enfatizava apenas um dos aspectos da Eucaristia: o memorial. O *Gloria in excelsis* foi deslocado para o fim do ofício. Esse segundo LOC vigorou por pouquíssimo tempo, pois logo que Maria se tornou rainha, ela o decretou inválido e restaurou o Rito de Sarum. Com Elizabeth I em 1559, esse LOC foi restaurado com algumas revisões, procurando caminhar entre o conservadorismo medieval e a renovação puritana, entre os papistas e os protestantes de Genebra.

O 3º LOC surgiu em 1662, após o conturbado período de Guerra Civil, a ascensão dos puritanos ao poder e a restituição da monarquia. A Igreja buscou fortalecer o conceito de "via média", frustrando as expectativas da chamada "*High Church*" e também dos remanescentes do puritanismo. Entre as alterações, destacamos a designação ministerial: súplica pelos bispos, presbíteros e diáconos, em lugar de súplica pelos "bispos, pastores e ministros". A Igreja confirmava sua doutrina do ministério

20

com tríplex ordens e funções. A absolvição passou a ser dada por um presbítero ou bispo e não por um "ministro", o que abria precedentes para confusões no que diz respeito às ordens. Na Eucaristia, foi acrescentada a lembrança dos fiéis que partiram. Quanto ao ajoelhar-se na recepção da comunhão, a rubrica tornou-se flexível, dizendo apenas que não se adora a presença corporal do corpo natural de sangue e carne de Cristo. Isso não significava que não se pudesse ajoelhar. O termo "congregação", mais condizente ao nascente congregacionalismo, foi substituído por "Igreja". Nessa época, a lei canônica estabeleceu que nenhum ministro poderia celebrar na Igreja da Inglaterra sem a ordenação episcopal, pois até então, os ministros ordenados presbiteralmente no continente europeu podiam ministrar sem uma reordenação. Esse posicionamento gerou alguns problemas, pois muitos ministros perderam seus postos na Igreja. Isso favoreceu ainda mais o movimento congregacional na Inglaterra. Alguns bispos trabalharam pastoralmente pela inclusão dos dissidentes, reordenando-os, mas muitos não aceitaram. Em 1689 através da *Carta de Tolerância*, os dissidentes e inconformados puderam organizar suas Igrejas. Entre eles havia muitos eruditos e sua saída foi uma perda considerável para a Igreja da Inglaterra. Em todo caso, o LOC de 1662 marcou indelevelmente o anglicanismo.

Para nós, anglicanos, a importância do LOC não se restringe à liturgia. Além de ser um manual de culto, o LOC contém e expressa, em suas palavras, em suas entrelinhas, em seu ritmo e em suas rubricas, as características teológicas do anglicanismo. Por isso quando muitos nos perguntam: "onde está a Confissão doutrinária da fé anglicana?", nós respondemos apontando para o LOC.

A Conferência de Lambeth de 1958 manifestou sua convicção de que o *Livro de Oração Comum* é o principal símbolo ou vínculo de unidade entre as igrejas da Comunhão Anglicana. Os bispos ali reunidos reconheceram a importância de revisões provinciais nos LOCs, mas recomendaram a preservação de algumas características essenciais a fim de preservar nossa unidade. Essas são:

- a) o uso das Escrituras canônicas;
- b) o uso dos Cremos Apostólico e Niceno;
- c) a administração do Santo Batismo com água e em nome da Trindade.

Obs - Liberdade quanto à forma: aspersão ou imersão;

- d) o rito da Confirmação administrado pelo bispo com oração e imposição das mãos;
- e) A celebração da Santa Comunhão com o uso do pão e do vinho;
- f) as formas de ordenação episcopal para cada uma das três sagradas ordens com oração e imposição das mãos;

Além disso, Lambeth 58 também esclareceu quais feições de ordem prática são mais eficazes para manter a comunhão:

- a) formas de culto no vernáculo;
- b) Oração inteiramente comum, evitando quaisquer orações privatizadas do celebrante enquanto o povo se dedica a outra coisa; evitar também as orações que não sejam audíveis à Congregação e proporcionar respostas também audíveis;
- c) Liturgias acessíveis ao povo;
- d) Equilíbrio entre Palavra e Sacramento na adoração, o que pressupõe a celebração regular da santa Comunhão;
- e) Uso de um dos credos históricos, recitado por todos nos cultos principais;
- f) Uso do saltério como veículo normal de louvor comum e meditação;
- g) Leitura do AT e NT em proporções iguais;
- h) Honrar aos santos sem invocá-los.

21

6. Quadrilátero de Lambeth e Missiologia

Outra vertente possível para compreender o essencial da metodologia teológica anglicana é o Quadrilátero de Lambeth, amplamente reconhecido hoje como a plataforma anglicana do que é essencial para a fé cristã. Todos o conhecemos:

a) A importância das Escrituras do Antigo e Novo Testamento que contém todas as coisas necessárias para a salvação. As Escrituras são a base da reflexão teológica e parâmetro da espiritualidade, tanto na adoração comunitária como na vida pessoal. A compreensão atual do anglicanismo é a de que tudo que nelas não se lê ou por elas não se prova, não deve ser como artigo de fé ou julgado necessário para a salvação;

b) Os Cremos históricos: o Apostólico como credo batismal e Niceno como declaração suficiente da fé cristã, recitado nas celebrações eucarísticas. Observamos que a formulação essencial da fé cristã está contida aí e não nos *39 Artigos de Religião*. Alguns anglicanos evangelicais tendem a vê-los como a base confessional do anglicanismo e lamentam seu enfraquecimento ou seu progressivo desaparecimento em outras igrejas da Comunhão Anglicana. Porém, a compreensão que prevalece na Comunhão é de que bastam os dois credos escritos no tempo da Igreja indivisa para nos dar a base. Os dogmas ali expostos reúnem o essencial da compreensão que a Igreja Universal e indivisa julgou coerente no passado e que serve como referencial para nossa fé ainda hoje.

c) Os Sacramentos do batismo e eucaristia;

d) O Episcopado localmente adaptado às necessidades variadas das nações.

Guenther Gassmann, teólogo luterano que foi durante muito tempo responsável pelo Departamento de Fé e ordem do CMI, escreveu um texto intitulado "Quadrilátero, Unidade Orgânica, CMI e Movimento de Fé e Ordem", no qual rende tributo ao Quadrilátero de Lambeth mostrando sua importância para o movimento ecumênico.

Outra orientação que temos em nível mundial para balizar nossa reflexão teológica. Qual a missão da Igreja? O Conselho Consultivo Anglicano entendeu que a missão da Igreja no mundo pode ser resumida em cinco pontos, que permitem desdobramentos e sub-pontos variados:

1. Proclamar as boas novas do Reino de Deus;
2. Ensinar, batizar e nutrir novos cristãos;
3. Responder às necessidades do mundo pelo serviço expresso em amor;
4. Buscar a transformação das estruturas injustas da sociedade;
5. Preservar a integridade da criação, sustentar e renovar a vida na terra.

7. Balizas do método teológico anglicano

Em todos esses pontos, podemos ver que a metodologia teológica anglicana aponta necessariamente para alguns princípios. Uma teologia que se pretenda fiel ao espírito do anglicanismo, conforme minha compreensão, deve ser:

- a) sacramental, litúrgica e embebida pela espiritualidade;
- b) atenta à articulação entre Reino, mundo e Igreja;
- c) missionária, pastoral e contextualizada;
- d) aberta às pesquisas acadêmicas e reticente a qualquer tipo de fundamentalismo;
- e) necessariamente ecumênica - não por ordem ou obrigação forçada, mas naturalmente ecumênica porque se nutre de toda tradição patrística e permanece aberta às contribuições de outras confissões.
- f) atenta ao equilíbrio entre Escrituras, Tradição e Razão.

22

Esse último ponto é fruto natural da história de nossa comunhão. Significa compreender a **Tradição** como a vida contínua da Igreja guiada pelo Espírito Santo, Igreja que recebe a mensagem de Deus e a interpreta. A Tradição é produto das Escrituras, mas as **Escrituras** também são produto da Tradição. Elas são a literatura que a Igreja recebeu gradualmente e as definiu como textos inspirados, nos quais incorporou-se a Palavra pela qual a Igreja vive. São "livros da Igreja" e nesse sentido são também parte da Tradição. A tradição, portanto, é a "mente" viva e crescente da Igreja que se formou de geração em geração e foi desafiada pelas Escrituras no processo de apropriação daquela Palavra na liturgia, vida e ensino.

Os teólogos anglicanos atualmente compreendem **Razão** como a capacidade humana de simbolizar, ordenar, compartilhar e comunicar a experiência de fé. Trata-se de uma compreensão mais ontológica e menos racionalista. Razão é, fundamentalmente, "Logos". É a dádiva divina pela qual as pessoas respondem e agem com a consciência em relação ao seu mundo e Deus. Compreendida nesses termos, a Razão não pode ser divorciada das Escrituras ou da Tradição, porque nenhuma delas é concebível à parte da ação da Razão. Além disso, sob outra perspectiva, o apelo à Razão é o apelo ao que o povo num dado lugar, contexto e época, considera bom senso ou senso comum. Em síntese, ela se refere ao que a Conferência de Lambeth de 1988 denomina "mente" de uma cultura particular com suas maneiras características de ver as coisas, indagar a seu respeito e explaná-las. Se a Tradição é a mente que os cristãos compartilham como crentes e membros da Igreja, a Razão é a mente que eles compartilham como participantes de uma cultura particular.

Conclusão

Michael Ramsey em 1961, no livro *"Introduzindo a Fé Cristã"*, deu a seu capítulo sobre a Igreja, o sub-título: *"Seu escândalo e glória"*. Reconhecia ele que a Igreja afasta e escandaliza porque é defeituosa em muitos pontos e ecoava William Temple que falava do "vasto caos que a igreja representa para nós, com suas odiosas divisões, seus maquinismos vagarosos, sua posição antiquada e pedante, sua indiferença perante aquilo que é fundamental, sua ineficiência bastante antiga, sua capacidade enorme de apoiar o lado errado nas questões morais". Tudo isso é escândalo. Mas o Arcebispo também apontou para sua glória, para o propósito firme de Deus usar a igreja para revelar-se ao mundo, a despeito dos obstáculos que colocamos em seus caminhos. E finalizou dizendo: "Não fechem os olhos para o escândalo ou os ouvidos para a vaia. Mas mantenham-nos também abertos para a glória e é a glória de Cristo em seus santos. Se você quiser ser um cristão, terá tanto o seu tempo de escândalo como de glória, ambos".

Uma resposta comum ao escândalo tem sido a idéia de fazer uma depuração da igreja, pondo para fora aqueles que não se conformam com um certo padrão e conseguindo assim, uma "verdadeira igreja", formada só por santos. Mas, a questão é: quem dita os padrões de santidade? O próprio Ramsey dizia: "é complicado afastar fornicadores e pessoas escandalosas e, entretanto, manter os respeitáveis, os orgulhosos e os presunçosos".

Considero essa tolerância e compreensividade um ponto extremamente positivo em nossa comunhão e nas teologias desenvolvidas em nosso meio. O estabelecimento no anglicanismo de consensos mínimos de fé inibiu as tentativas totalitárias de delinear limites e fronteiras para a produção teológica, estimulou e encorajou um saudável espírito de pesquisa e estudo acadêmico com plena liberdade. Retraiu os julgamentos de heresia, acabou com os anátemas em nosso meio e com as perseguições doutrinárias. Talvez ainda haja resquícios disso, mas são exceções. Com a graça de Deus chegamos a compreender que tudo que é feito com paixão para o bem da Igreja não é mau em si mesmo e mesmo que não concordemos, por exemplo, com todos os textos do bispo John Robinson, de Spong ou do teólogo evangélico John Stott, sempre descobriremos algo de bom ali, algo desafiador, pois são textos escritos por pessoas da Igreja, comprometidos, cada um a seu modo, com o Reino e respondendo, de acordo com suas experiências, às exigências teológicas do momento.

Isso faz com que a diversidade teológica do anglicanismo seja vista por outras igrejas como sinônimo de liberalismo. Católicos e evangélicos nos criticam por falta de coerência. Porque no fundo

23

todos querem tudo muito certinho. Pensam que é com a definição de certezas que a Igreja se mantém unida e não percebem que aí reside a grande armadilha da teologia. Os protestantes se dividiram em tantas facções porque na época da Reforma, preocupados com a "verdade", não compreenderam que toda verdade humana é sempre parcial e limitada. Consequentemente, cada qual tinha sua verdade: os luteranos, calvinistas e anabatistas diversos. Não conseguiram até hoje desvencilhar-se dessa armadilha que os divide.

Não devemos temer a pecha de liberais, e sim esforçarmo-nos por preservar essa "inclusividade" e tolerância conquistadas num longo processo histórico de lutas e sofrimentos. O caráter liberal do anglicanismo não consiste em encorajar o florescimento de desvios do cristianismo histórico, pois isso raramente aconteceu, mas consiste num estilo que hesita muito antes de usar um rigor punitivo sobre desvios sem antes ponderar, considerar e permitir que o próprio Deus julgue em tempo oportuno. Para muitos, isso assemelha-se a ser conivente com o erro. Em nosso entender, é uma postura primeiramente pastoral e de humildade, muito mais sadia que o recurso regularmente usado em outras confissões de abrir processos de heresia ou impedir teólogos de desenvolverem suas pesquisas.

A inclusividade, compreensividade e tolerância é produto de nossa história. De uma igreja que genuinamente entende que as pessoas têm liberdade de pesquisa e por isso não desenvolve códigos punitivos. Desenvolvê-los seria agarrar-se a expressões teológicas que são, em si mesmo, culturais e fechar-se a outras formas de teologia e espiritualidade.

Diante de tudo isso, creio que um bom texto para terminar nossa reflexão é I Coríntios 13. No hino ao amor, São Paulo mostra qual a principal virtude teológica com palavras que devem estar sempre claras na mente de qualquer teólogo, seja anglicano ou não: "agora conhecemos parcialmente; um dia conheceremos como também somos conhecidos".

Essa é nossa metodologia. Fazemos teologia com paixão, mas também com humildade de quem reconhece suas limitações diante do inesgotável mistério da salvação.

ANGLICANISMO: CATÓLICO OU PROTESTANTE ?

Dom Sebastião A. Gameleira*

Em vista de nosso serviço ao mundo, a vida em Igreja tem duas dimensões básicas: o aprofundamento da Palavra pela reflexão teológica e a convivência.

Reflexão teológica - Em sua *Introdução à Teologia Evangélica*, Karl Barth nos explica que a teologia é reflexão racional sobre a fé cujo ponto de partido não é o raciocínio humano sobre Deus, como objeto, mas a escuta da Palavra de Deus, que se comunica a si mesmo e, dessa forma, projeta luz sobre nossa existência pessoal e coletiva. É a palavra de boa-nova que nos anuncia Deus como Emanuel, misericordiosa presença no interior de nossa história humana. Não nos é permitido fugir para regiões celestiais em busca de deuses ou de delícias “espirituais” (pseudo-espirituais). O Deus que se nos revela só se deixa encontrar por entre os problemas concretos de homens e mulheres, sua imagem. E para esse encontro somos guiados pelos passos de Jesus, sua imagem acabada.

Testemunho e Verdade - Assim, “Teologia Evangélica” não equívale a “protestante”, mas é a que busca fazer-se conforme o Evangelho e, por isso, pode dar-se em ambiente católico, protestante ou ortodoxo. Assume a “catolicidade” da Igreja e é, conseqüentemente, ecumênica. Decisivo para ela é perguntar pela Verdade: se a mensagem que proclamamos corresponde à verdade do Evangelho e se o jeito como vivemos (nossos métodos, nossa maneira desfazer as coisas...) corresponde verdadeiramente à mensagem que proclamamos. Porque Teologia é proclamação, testemunho e verdade da palavra e verdade da prática (verificação). “Teologia Evangélica” é, então, duplamente obediência: aprender a dizer e aprender a fazer. Para que sejamos melhores em nossa prática concreta: pessoal, interpessoal, pastoral e sócio-política. Por isso, é, por si mesma, teologia militante, engajada, luta pela reconstrução das pessoas e de sua cidadania, que decorre da dignidade de filho e filha de Deus. Barth fala da exigência de tomar posição frente aos problemas da sociedade e de estar a serviço dos necessitados.

Convivência e cumplicidade - Se toda a teoria tem de estar a serviço da vida, com muito mais razão a reflexão teológica, pois envolve o que há de mais profundo na vida: nossas motivações últimas, como nos diz Paul Tillich. Pior isso, a Igreja é “casa”, convivência, aconchego, solidariedade, cumplicidade. Barth nos lembra que, antes de seus aspectos institucionais, Igreja é comunhão dos

* O autor é bispo da Diocese de Pelotas. Esse artigo foi extraído do jornal *Estandarte Cristão*, nov/dez de 1996.

santos, congregação dos fiéis, “*conjuratio testium*” (conjuntura de testemunhas). É nosso espaço comum. O mais decisivo na vida, é certo, é aproximar-se de Deus pela fé, a esperança e o amor e, assim, participar de sua vida trinitária. E o acesso, o caminho é Jesus de Nazaré, o Cristo.

Beber na comunidade. Mas isso só se dá em comunidade. É na comunidade que bebemos de um mesmo Espírito. Para isto é que existe a Igreja. É verdade que existem muitos modos de realizar a Igreja. Nós, de nossa parte, escolhemos fazer parte do modo anglicano de ser igreja. Foi providência de Deus na nossa vida e tem sido para nós motivo de nossa oração e objeto de nossas reflexões. Julgamos mais adequado para nós fazer parte desta comunhão onde a “via média” nos leva a integrar a antiga herança católica e as interpelações da Reforma Protestante.

57

Não basta, porém, “fazer parte” da Igreja Anglicana. É preciso que o modo anglicano de ser faça parte de nós. Ser anglicanos(as), então, não pode ser em nossa vida apenas uma circunstância casual. Não. É providência de Deus e, como tal, tem a ver profundamente com nossa vocação, com nossa resposta leal e responsável, com nosso testemunho, para o bem da Igreja inteira. Ninguém deve apresentar-se para a confirmação e muito menos para a ordenação, se já não respondeu a si mesmo a pergunta por sua identidade em termos de vocação e de testemunho em meio à Igreja de Deus. Se para nós, ser anglicanos(as) ainda soa como mera circunstância casual, é sinal de que não amadurecemos suficientemente nossa vocação na Igreja. Nossa identidade eclesial tem de ser um caso de amor, um sentir-se enamorado por um rosto. Ninguém casa com uma mulher ou com um homem, como se o único importante fosse casar-se. Casa-se com **esta** mulher ou com **este** homem. Assim se dá com a Igreja. Ou então para nós Igreja não tem conteúdo teológico, é mero instrumento, uma espécie de empresa religiosa pela qual realizo meus projetos pessoais. Se esta Igreja ainda não faz parte de mim, não deveria nem confirmar-me nela, nem muito menos pretender animá-la como pastor.

Somos responsáveis - Nossa convivência eclesial é como treinamento permanente para irmos assimilando o jeito de ser de nossa igreja. Não se trata de suportar o que se nos propõe, de obedecer ao que se nos impõe, para não desagradar ou não criar conflitos, fazendo de conta que estamos de acordo. Seria o que a Escritura chama de pecado, pois seria dissimular e demitir-se da própria responsabilidade. Estamos aí para irmos juntos construindo a “casa”. Segundo Jesus, a casa tem de reunir-se conforme o ideal das doze tribos do povo de Deus. Na Igreja todos(as) somos igualmente responsáveis. Há quem tenha mais responsabilidade, mas ninguém é mais responsável do que outrem, uma vez que a qualidade de nossa responsabilidade se mede pelo destinatário de nossa resposta: Deus - e isso tem qualidade de eternidade !

Acusações mútuas - Não se trata de “ser de tal ou qual lado”, de “vestir a camisa do bispo” ou de “fazer como o bispo quer”. Se nos comportarmos assim, acusando-nos mutuamente de “partido”, não estamos apenas nos dividindo em disputas “políticas”, como é o jeito do “mundo” ? Acontece conosco algo muito mais grave, como nos admoesta o Apóstolo Paulo quando comenta a desunião na Igreja de Corinto: estamos esvaziando a cruz de Cristo e colaborando para que se destrua o templo de Deus - sabemos ou não sabemos “discernir o Corpo” ? (I Co 1-5;11,17ss).

Pluralismo e diversidade - Trata-se, isto sim, de assimilar o jeito anglicano de ser, com responsabilidade e lealdade. E aqui vem algo que é muito importante: Anglicanismo é pluralismo e diversidade, mas não é paralelismo; é paróquia, mas não é justaposição de igrejas, e sim **diocese**, comunhão de igrejas locais, sob a presidência de um pastor, cujo ministério é facilitar essa mesma comunhão e unidade; é diversidade e até divergência, mantidos a lealdade e o afeto fraternos, e nunca desrespeito ou desacato ao bispo que é nosso “Pai em Deus”; é diversidade convergente no sentido de, mesmo diferentes, construirmos uma Igreja que é Una e, por isso, tem jeito de ser, tem um rosto, coisas próprias que marcam sua identidade de família.

Católico e protestante - Não é que algumas pessoas são católicas e outras protestantes. Todas temos de ser católicas e protestantes, ao mesmo tempo. “Católicas para toda a verdade de Deus, protestantes contra todos os erros dos homens”. Não é que algumas são ecumênicas e outras não. Para ser anglicano, tem-se de ser ecumênico (a).

Não é que algumas pessoas encaminham sua ação pastoral nas “cinco avenidas” e outras não. Esse rosto do Evangelho em nossa igreja: Igreja da Palavra e do Sacramento, que nos envia e nos alimenta, para que sejamos presença carinhosa de Deus no serviço aos necessitados, presença corajosa de Deus na luta pela transformação das estruturas injustas, presença criadora de Deus no cuidado pela preservação e pela renovação de sua obra que é a terra.

58

Não é que algumas pessoas obedecem aos cânones e outras não. Todos somos sujeitos às mesmas regras de casa. Não é que para algumas o bispo é importante e outras não. Somos todos episcopais.

Não é que algumas pessoas “gostam” de liturgia - e por isso são chamadas de católicas - e outras não. Todos temos de achar o equilíbrio, proposto pelo Novo Testamento, entre Palavra e Sacramento. E isso é simplesmente anglicano.

Não é que algumas pessoas gostam do *Livro de Oração Comum* e o utilizam, e outras não. Não é assim. O LOC codifica o jeito anglicano de celebrar o culto e, por isso, é o roteiro da Liturgia para todos(as) nós.

Princípios complementares - Ou nós nos convencemos de que devemos caminhar nessa “via média” (que foi a genialidade da rainha Elizabeth), ou assumimos profundamente a “via média” em cada pessoa de nós, ou não somos anglicanos (as)!, e nem estabeleceremos a Igreja Anglicana. E teremos falhado a nossa vocação no Brasil: testemunhar que o princípio católico e o princípio protestante não são contraditórios, mas complementares. Não passaremos de um ajuntamento de congregações diversas, cada uma apontando para rumos diferentes, de acordo com a origem, o gosto ou os projetos pessoais de cada pastor(a). E continuaremos a dar à Igreja e ao mundo um triste espetáculo que nada tem a ver com o “mapa” da “casa” que nos é dado em Rm 12.9-21.

Anglicanismo não é paralelismo, mas confluência no sentido de construirmos uma igreja só, que, como um todo, tem suas próprias marcas.

EVANGÉLICO: UMA MANEIRA DE SER ANGLICANO

Dom Robinson Cavalcanti*

O Evangelicalismo

O Evangelicalismo se constitui em um dos mais dinâmicos movimentos no cristianismo contemporâneo, como manifestação de um protestantismo confessante e missionário. **Confessante** pela crença na necessidade e veracidade de certas proposições doutrinárias: os Credos Históricos e os pontos convergentes das Confissões de Fé resultantes da Reforma do século XVI. **Missionário**, pela rejeição do sacramentalismo e do universalismo e a ênfase no cumprimento da Grande Comissão. Em seu meio, tem-se procurado equilibrar certas tônicas: a ortodoxia, a piedade, a reflexão teológica, a evangelização, a responsabilidade social e política, a unidade e a contextualização.

Um marco histórico em sua caminhada foi o Congresso de Lausanne, de 1974, e o seu famoso “Pacto”, considerado o mais importante documento confessional desde Westminster. A Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial (LCWE) e a Aliança Evangélica Mundial (WEF) são as principais agências promotoras de unidade, cooperação e avanço evangélico. Em nosso continente, a associação de pensadores conhecida como Fraternidade Teológica Latino-americana (FTL) tem-se notabilizado pelo caráter holístico (integral) de sua produção intelectual.

Em alguns círculos eclesiais, por desconhecimento ou preconceito, se teima em generalizar a denominação de “fundamentalistas” para os evangélicos, o que não é exato no que concerne aos momentos históricos, e não faz justiça a diversificação de suas tendências.

Muitos dos mais influentes líderes evangélicos são anglicanos. Não seria exagero afirmar que a liderança teológica desse movimento é cada vez mais anglicana. O bispo David Gitari (Primaz da Igreja Anglicana no Quênia) preside a Comissão Teológica da Aliança Evangélica Mundial. Os bispos Jack Dain(Diocese de Sidney) e Festos Kevengere (Uganda), dentre outros, têm estado à frente do Movimento de Lausanne.

Incontestavelmente, o pensador mais influente no evangelicalismo atual é o Rev. John Stott, Reitor Emérito da paróquia de All Souls, Capelão Honorário de S.M. Britânica, com suas obras amplamente traduzidas, atualmente dirigindo o Instituto Londrino para o Cristianismo Contemporâneo (LICC).

A influência anglicana também se faz presente no evangelicalismo brasileiro, por meio de livros, artigos e conferências. O Rev. James Packer (“Evangelismo e Soberania de Deus), o Rev. Michael Green (“Mundo em Fuga”) e o Rev. John Stott (“Cristianismo Básico”, “Contra-Cultura Cristã”, e outros) estão entre os mais lidos em todas as denominações, especialmente entre os jovens.

Talvez onde esses teólogos sejam menos conhecidos, paradoxalmente, seja entre os seus irmãos da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. O conhecimento desses autores, bem como da vitalidade do movimento que representam, somente seria benéfico para nossa Igreja, em termos de

* O autor é bispo da Diocese Anglicana do Recife e presidente da JUNET (Junta Nacional de Educação Teológica)

consciência dos feitos de Deus naquele meio, de aprendizagem de seus aspectos positivos e de uma percepção maior da riqueza da diversidade anglicana.

Anglicanismo evangélico

Os anglicanos evangélicos, herdeiros da tradição da “igreja baixa”, estão organizados em uma entidade internacional, a Fraternidade Evangélica na Comunhão Anglicana (EFAC), com vários movimentos associados na maioria de nossas Províncias Eclesiásticas, e que publica o informativo ‘EFAC Bulletin’, promovendo encontros e intercâmbios.

O que é, afinal, um Anglicano Evangélico ?

1. Um anglicano evangélico se considera parte da comunidade protestante. Vê o anglicanismo como um dos ramos históricos do protestantismo, enriquecido pela manutenção de sadias tradições pré-reformadas e pela consciência de sua catolicidade. Não fosse a Reforma do século XVI não existiria anglicanismo.

Para o evangélico, a leitura histórica anglo-católica parece carecer de suporte científico, sendo antes o resultado da opção restauracionista que varreu o Velho Mundo na segunda metade do século passado, como reação de insegurança diante da modernidade. No lugar de suportes objetivos (autoridade das Escrituras, Confissões de Fé) e de suportes subjetivos (conversão), escolhe-se a via do fundamento eclesiástico-institucional, com a história reescrita de frente para trás, e sobre ela erigindo-se todo um questionável sistema doutrinário e litúrgico, em um espírito de “Contra-reforma” anglicana. Na revalorização do passado o evangélico prefere uma aproximação à Igreja Primitiva que uma aproximação a etapas posteriores, devendo-se evitar confundir o apenas antigo com o eterno.

Os 39 Artigos de Religião são considerados fundamentais para a nossa identidade histórico-doutrinária. Eles devem ser aprofundados, enriquecidos, atualizados, nunca desprezados. O Anglicanismo evangélico considera-se devedor ao puritanismo, ao pietismo, ao avivalismo e ao movimento missionário pelos aspectos de sua rica herança que a nós foram incorporados.

2. Um anglicano evangélico enfatiza o conceito histórico-confessional-orgânico-espiritual da Igreja mais do que o institucional. Onde um grupo de cristãos se reúne com regularidade para o anúncio da Palavra e a ministração devida dos Sacramentos, aí está a igreja. Onde há um culto trinitário, aberto a todos, aí está a Igreja Católica. Os pesados edifícios institucionais, hierarquizados, formais e de tendência centralizadora, são considerados herança de um império, distantes do ideal da *ecclesia*.

A Igreja dos primeiros séculos conheceu formas variadas de administração. O episcopado é uma dessas formas válidas, e se inclui em uma de nossas honoráveis tradições. O conceito e o papel dos bispos tem variado no tempo e no espaço. O sacerdócio é uma condição de todos os crentes, alguns chamados especificamente para o ministério da Palavra e dos Sacramentos. A pluralidade de carismas deve ser reconhecida e exercitada. Todo clericalismo deve ser evitado. Todos os ministros cristãos, devidamente chamados, reconhecidos e ordenados, são legítimos, independentemente do modo administrativo de sua denominação. A real democratização da Igreja é condição para um honesto profetismo para uma ordem secular que se quer democrática.

3. Um anglicano evangélico privilegia a Palavra aos Sacramentos. O cristão assim se torna por uma resposta de fé (Sola Fide) ao anúncio da Graça (Sola Gratia) de Deus em Jesus Cristo (Solus Christus) pela Palavra (Sola Scriptura), e é por ela edificado. Os Sacramentos são símbolos e meios auxiliares da ação da Graça, desprovidos de quaisquer conotações mágicas. No Batismo, o anglicano

evangélico se aproxima da noção calvinista da inserção no novo Pacto; na Eucaristia, se aproxima de Zwinglio, com a noção da presença real espiritual ambiental. Ressalte-se a autoridade das Escrituras Sagradas como única fonte de Revelação, e a necessidade de uma experiência de conversão.

4. Um anglicano evangélico prefere a simplicidade no culto. A liturgia é valorizada e a beleza e os símbolos na adoração são valorizados. Evita-se, porém, os riscos de um formalismo frio, repetitivo e descontextualizado, e do mero “magno espetáculo”, que apontam mais para a igreja do Cristo do que o Cristo da Igreja. Deve-se ater para o essencial e o acidental, para se diferenciar o que é historicamente anglicano, do que é meramente inglês, ou do que representa apenas uma corrente historicamente localizada (tratarianismo, por exemplo). Deve-se evitar o mimetismo e o reboquismo a outras confissões, bem como a tentação do fundamentalismo da forma.

5. Um anglicano evangélico enfatiza o caráter missionário da Igreja. A Igreja ou é missionária e evangelizadora, ou não é Igreja. A Igreja cresce, em quantidade e qualidade, ou perece. O chamado ao novo nascimento deve-se dirigir inclusive aos cristãos nominais e aos igrejeiros.

6. Um anglicano evangélico tem um compromisso com o pluralismo. Por maior que sejam suas convicções, reconhece que o seu ponto de vista é um dos pontos de vistas legítimos dentro da tradição e do *ethos* anglicano. É ciente da legitimidade das demais visões, e espera sempre consideração recíproca. Apesar de suas profundas discordâncias, reconhece na tradição anglo-católica uma busca de renovação da espiritualidade na unidade e na recuperação de tradições, e na tradição liberal a busca do conhecimento e do compromisso social.

Diversificar para crescer

Ser um anglicano evangélico não é nada de novo, nem de estranho. Essa corrente não somente está fincada nas raízes do anglicanismo, como nas gloriosas etapas primeiras da Igreja Episcopal do Brasil. Em algumas Províncias, Dioceses, Paróquias e Seminários, é a corrente hegemônica, em comunidades tanto vivas quanto leais.

O regionalismo, a não-convivência interdenominacional, o isolamento geográfico e cultural, a carência de leituras e contatos e uma forte influência das idéias e práticas derivadas do Movimento de Oxford (via igreja-mãe norte-americana), podem concorrer para uma falta de compreensão e aceitação de novas experiências evangélicas entre nós. O relativo êxito dessas experiências, contudo, parecem apontar para a abertura e predisposição de amplas camadas da população brasileira a essa maneira de ser anglicano. Não seria essa uma das vias para o crescimento de nossa Igreja ?

Com essas experiências, o decantado pluralismo anglicano desce do terreno da retórica para o dia a dia da convivência concreta. O que nem sempre pode ser fácil em uma cultura de tradições autoritárias e exclusivistas no que concerne ao religioso. Um país onde não parece ser fácil encontrar liberais, mas apenas anti-conservadores.

A ortodoxia de ocasião, como nos adverte Rubem Alves, pode ser apenas o controle do aparelho de poder da instituição eclesiástica pelos seguidores de determinada corrente. Esperamos poder constatar, nos próximos anos que, unidos, na diversidade, realizaremos melhor nossa missão.